

RITA CÁSSIA PEREIRA BUENO

A HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DO PAPO JOVEM:
Um Projeto de educação sexual integrado ao currículo de uma
escola de ensino fundamental e médio



ARARAQUARA – S.P.
2017

RITA CÁSSIA PEREIRA BUENO

A HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DO PAPO JOVEM:
Um Projeto de educação sexual integrado ao currículo de uma
escola de ensino fundamental e médio

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

ARARAQUARA – S.P.
2017

Bueno, Rita Cássia Pereira

A história da criação do Papo Jovem: Um projeto de educação sexual integrado ao currículo de uma escola de ensino fundamental e médio / Rita Cássia Pereira Bueno – 2018

128 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro

1. Educação Sexual. 2. Sexualidade . 3. Intervenção escolar . 4. Adolescência . 5. Ensino Fundamental II e Ensino Médio. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RITA CÁSSIA PEREIRA BUENO

A HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DO PAPO JOVEM: Um Projeto de educação sexual integrado ao currículo de uma escola de ensino fundamental e médio

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Data da defesa: 15/01/2018

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Professor Doutor Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Membro Titular: Maria Alves de Toledo Bruns
Universidade de São Paulo – Campus Ribeirão Preto.

Membro Titular: Ronaldo Zacharias
Centro Universitário Salesiano de São Paulo

Local: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

A gratidão que sinto por este momento é imensa. Ver em minhas mãos o produto do meu trabalho de mestrado me deixa infinitamente feliz, porém nada disso seria possível sem a ajuda de Deus, da espiritualidade maior, dos meus familiares, professores e amigos.

Muitas pessoas estiveram envolvidas nessa etapa, elas não mediram esforços para me ajudar a concretizar esse sonho. A primeira pessoa que recorri pedindo orientação para o envio do Projeto no processo de seleção da UNESP foi o professor Doutor Ronaldo Zaccharias, e em seguida ao professor doutorando Antônio Wardison C. Silva, eles me ajudaram muito durante a primeira etapa do processo. A professora Ana Cristina Canosa Gonçalves, pessoa que estimo e admiro muito, juntamente com o Doutor Ronaldo Zacharias, são os profissionais responsáveis pela pós-graduação em educação sexual da UNISAL campus PIO XI – São Paulo, local que foi base para minha formação em educação sexual.

Agradeço meu marido Renato Simões que, sempre muito atencioso e companheiro, nunca deixou de me apoiar e incentivar. Ele foi o precursor do meu início na Educação sexual.

Agradeço imensamente minha mãe Angela M. Scavassa P. Bueno, meu pai Osvaldo P. Bueno por serem meu maior exemplo nessa vida, principalmente minha mãe pela companhia e pelo colo que conforta. Aos meus filhos, minha grande garota, Narielle P. Bueno e ao meu pequeno, Théo Scavassa Bueno Simões.

A minha querida sogra Alda Simões que muitas vezes cuidou do Théo quando bebê, para eu poder me debruçar na pesquisa. Agradeço minha amiga Mariana Guillard pela paciência, pelas correções de artigos, trabalhos e companhia.

Agradeço aos professores que compõem a equipe docente do curso de Pós-graduação em Educação Sexual da UNESP. Ao meu querido orientador prof. Dr. Paulo Rennes Marçal

Ribeiro, pessoa de garra e muita fibra que não se deixou abalar pelo conservadorismo que cerca o meio acadêmico e instituiu o primeiro mestrado acadêmico em educação sexual no Brasil. Às minhas queridas professoras Dr. Maria Alves de Toledo Bruns e Dra. Andreza Marques de Castro Leão, que sempre estiveram prontas para me orientar, ouvir e ensinar.

Aos meus estimados colegas da turma III do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, este curso foi espetacular, mas a companhia de vocês contribuiu para que ele ficasse muito melhor.

Agradeço ao Colégio Integrado pela oportunidade de desenvolver meu trabalho e pela confiança depositada na realização de um Projeto com tema instigante e pioneiro na região. Aos meus queridos alunos que sempre estiveram comigo e me incentivavam a fazer trabalhos inovadores em educação sexual. Sem a participação deles, essa história não poderia ser contada.

Resumo

Ultrapassar os muros escolares, driblar o preconceito existente entre os integrantes da equipe pedagógica, pontuar a importância e necessidade de discussão da temática para colocar a educação sexual em pauta nas escolas não tem sido tarefa fácil para educadores sexuais e profissionais envolvidos com intervenções no campo da sexualidade. A tramitação da exclusão do Eixo norteador *Orientação Sexual* dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a visão discriminatória que limita a ação de professores na discussão de sexualidade, gênero e homofobia na escola, contribuíram para que avanços conquistados a partir do ano 2000 passassem a ser vistos como equivocados, ameaçadores à integridade moral e psicológica dos alunos e alunas e prejudiciais ao desenvolvimento sadio de crianças e adolescentes. No entanto, navegando contra a corrente conservadora intensificada a partir de 2015, uma escola privada de uma cidade de porte médio do interior paulista criou, com apoio da direção, o Projeto Papo Jovem. A inserção do Papo Jovem no Projeto político pedagógico da escola e as conquistas e dificuldades de se manter o Projeto no colégio foram apresentadas no presente trabalho e, através de uma sequência cronológica, desde a fundação do Projeto até o presente momento, são demonstrados os principais eventos e atividades que contribuíram para a ascensão do Projeto. O Papo Jovem oferece semanalmente aos alunos um espaço de aprendizado e discussão que aborda as diversas dimensões da sexualidade humana dentro de um contexto lúdico, pedagógico e emancipatório. O Projeto é voltado para alunos e alunas desde o quinto ano do Ensino Fundamental I até a terceira série do Ensino Médio. Puberdade, Amor, Relacionamentos, Violência Sexual, Gênero, Diversidade Sexual, Gravidez e Aborto são alguns dos temas desenvolvidos no Projeto. Considerando a postura e a atitude dos adolescentes em meio a situações desafiadoras, observou-se que o projeto contribuiu para o empoderamento sexual entre os adolescentes, permitindo que se sentissem mais seguros sobre suas atitudes, decisões e questionamentos perante visões contrárias aos direitos das mulheres e adolescentes e violência. As reflexões sobre sexualidade, provindas de fonte segura, com profissionais preparados, contribuíram para que adolescentes, como os participantes do Projeto Papo Jovem, transitem pelo período da Adolescência com mais segurança, tranquilidade e serenidade.

Palavras – chave: Sexualidade, Educação Sexual, Adolescência, Intervenção Escolar.

Abstract

To overcome the school walls, to defeat the preconception among members of the pedagogical team, to emphasize the importance and the necessity of discussing the theme in order to put sex education on the agenda in the schools in Brazil has not been an easy task for educators and professionals involved with interventions in the field of sexuality. The process of exclusion of the Sexual Orientation Guiding Axis of the Brazilian National Curricular Parameters (NCPs) and the discriminatory view that limits the action of teachers in the discussion of sexuality, gender and homophobia inside the schools made since the 2000's, are now seen as a mistake, a threat to the moral values and the psychological integrity of the students and a kind of harm to the healthy development of children and adolescents. However, swimming against the tide of the intensified conservative roles that began in 2015, a medium-sized private school in the country side of São Paulo state has created, with the support of the school board, the "Papo Jovem Project" - translated as "Young Talk Project". The present study shows the implementation of the "Papo Jovem" on the pedagogical political project of the school, the achievements and the challenges of maintaining the project alive through a chronological sequence, from its creation until the present time, presenting the main events and the activities that contributed to the rise of the project. The "Papo Jovem" program offered a weekly learning and discussion space to students, addressing different dimensions of human sexuality within a playful, pedagogical and emancipatory context. The project was aimed to students from the fifth year of elementary school through the third year of high school. Themes like Puberty, Love, Relationships, Sexual Violence, Gender, Sexual Diversity, Pregnancy and Abortion among others were discussed with the students. By analysing the gesture and attitudes of the adolescents in the midst of challenging situations, was possible to observe that the project contributed to the sexual empowerment among the students, allowing them to feel more confident about their own attitudes and decisions, questioning some arbitrary visions of the women's and adolescents rights and violence. The study of sexuality, coming from a trustable source and done by trained professionals can contribute to make a save passage through the adolescence period with more security, tranquility and serenity to the adolescents, as was observed with "Papo Jovem" project participants.

Keys-words: Sexuality, Sexual Education, Adolescence, School intervention.

LISTA DE FOTOS

Foto 1	Kit Prevenção	30
Foto 2	Alunos do colégio e visitantes e o modelo de preservativo feminino	67
Foto 3	Professora Rita Bueno conduzindo a dinâmica do amor	68
Foto 4	Elenco do filme “Adolescência em risco”	69
Foto 5	Símbolo do Papo Jovem	72
Foto 6	Panfletos da campanha de prevenção	74
Foto 7	Professora Rita Bueno	75
Foto 8	Alunos entregando panfletos	76
Foto 9	Equipe do Projeto Papo Jovem	77
Foto 10	Radialista Bile e alunos concedendo entrevista	78
Foto 11	Representantes do Papo Jovem na rádio	78
Foto 12	Reportagem no jornal da cidade	80
Foto 13	Oficina do corpo	83
Foto 14	Oficina das Infecções Sexualmente Transmissíveis	84
Foto 15	Oficina da Gravidez indesejada	84
Foto 16	Oficina do prazer	85
Foto 17	Equipe de oficinairos	86
Foto 18	II Campanha de saúde e prevenção	86
Foto 19	Professora Rita ensinando a colocar preservativo	87
Foto 20	Reportagem no jornal da cidade	88
Foto 21	Posts de contagem regressiva para o carnaval	89
Foto 22	Oficina do prazer na Escola Santo Antônio	91
Foto 23	Oficina da gravidez indesejada na Escola Santo Antônio	91
Foto 24	Representantes do Projeto realizando a oficinas	93
Foto 25	<i>Banner</i> apresentado no congresso de sexualidade	94
Foto 26	Panfleto de divulgação de evento	95
Foto 27	Modelo de óvulo e espermatozoide	99
Foto 28	Modelo de útero em MDF	99
Foto 29	<i>Banner</i> sobre os meses de gestação	100
Foto 30	Enquete sobre o tipo de parto	100
Foto 31	Cartaz com a explicação de gênero	101

Foto 32	Móbile da adolescência	102
Foto 33	Espaço da puberdade	102
Foto 34	Mesa com métodos contraceptivos	103
Foto 35	Cartaz com os famosos que morreram de AIDS	103
Foto 36	Alunos do nono ano dançando	105
Foto 37	Alunos do oitavo ano dançando	105
Foto 38	Jogo da confiança	106
Foto 39	Dinâmica dos pintinhos	107
Foto 40	Dinâmica do corpo	108
Foto 41	Construção de jogos	108
Foto 42	Cultura de outros países	109
Foto 43	Foto de inauguração da sala do Projeto	110
Foto 44	Papo Jovem nas redes sociais	111
Foto 45	Diretoria do Papo Jovem	112
Foto 46	Alunos em dinâmica	113
Foto 47	Projeto Cuidando de Mim	114
Foto 48	Ana e Zeca	115
Foto 49	Ana e Zeca	115
Foto 50	Livro elaborado pelo Papo Jovem	118

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Índices de Infecções Sexualmente Transmissíveis	27
Gráfico 2	Índices de Gravidez na Adolescência	27
Gráfico 3	Índices de Gravidez na Adolescência entre 2010 e 2015.	28

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Grupos de Estudo em Educação Sexual	26
Tabela 2	Situações de Aprendizagem encontradas no caderno Aluno	31
Tabela 3	Disposição do conteúdo para o Ensino fundamental II	73
Tabela 4	Disposição do conteúdo para o Ensino Médio	73
Tabela 5	Cronograma do conteúdo em Educação Sexual do Papo Jovem	97
Tabela 6	Resumo dos principais eventos do Projeto	119

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PPP	Projeto Político Pedagógico
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UNINTER	Centro Universitário Internacional
UNISAL	Centro Universitário Salesiano de São Paulo.
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
IST	Infecção Sexualmente Transmissível
ONGs	Organizações Não Governamentais
UNESP	Universidade Estadual Paulista
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
OMS	Organização Mundial de Saúde
SUS	Sistema Único de Saúde
SEESP	Secretaria Estadual de Educação de São Paulo
GTPOS	Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual
CENP	Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	
1. INTRODUÇÃO	18
1.1 Justificativa do tema	33
1.2 Problema de pesquisa	34
1.3 Objetivo geral	36
1.4 Objetivo específico	36
1.5 Método	36
1.6 Instrumentos	37
1.7 Procedimento de análise de dados	37
2. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL	39
3. A SEXUALIDADE HUMANA NO CONTEXTO EDUCATIVO	56
4. A VISÃO/PERCEPÇÃO DA SEXUALIDADE DO PAPO JOVEM	61
5. HISTÓRIA DO PAPO JOVEM	62
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS	124
APÊNDICE A- Autorização para uso de imagens e nome do colégio	128

APRESENTAÇÃO

Sou professora, Especialista em Educação Sexual e em Metodologia do Ensino. Graduada em Ciências Biológicas, leciono para o Ensino Fundamental II e para o Ensino Médio. Exerço a função de coordenadora pedagógica para os anos iniciais do Ensino Fundamental II e sou mentora e executora do Projeto Papo Jovem. Atuei por dez anos (2006–2016) na rede pública de ensino do Estado de São Paulo e, em meados de 2016, optei por trabalhar somente na rede privada.

Como toda pisciana sou sonhadora e, desde o período de graduação (2003-2005), desejei criar e trabalhar com projetos de educação sexual e, em meio à minha trajetória profissional, nove anos depois, concretizei esse sonho com o “Papo Jovem”.

Papo Jovem é um Projeto perene de educação sexual integrado ao currículo escolar. É constituído por uma aula semanal, provem de metodologia de pesquisa-ação, sendo desenvolvido em um colégio privado do interior de São Paulo. O Papo Jovem foi gestado em 2011 e nasceu, graças a muita dedicação, em fevereiro de 2012, mantendo-se ativo até o presente momento. O Projeto entrou pelas bordas do sistema e não por meio do Projeto político pedagógico da escola, ele foi se constituindo com o apoio de muitas famílias e foi enriquecendo com o tempo.

No decorrer da dissertação exponho, através de uma sequência cronológica, as principais atividades e eventos desenvolvidos pelo Projeto que contribuíram para que eu, professora de Ciências Biológicas, conseguisse institucionalizá-lo no colégio. Descrevo como ele integrou o Projeto Político Pedagógico (PPP), as dificuldades, as conquistas que resultaram durante o processo de construção e execução.

Com o intuito de situar o leitor no contexto da apresentação, explico que a execução do Projeto de Educação Sexual, Papo Jovem, se deu em uma escola privada na cidade de

Jaguariúna, interior de São Paulo, embora sua constituição tenha ocorrido no momento em que cursava uma especialização em Educação Sexual e trabalhava em escolas públicas da cidade de Amparo, minha cidade natal.

Amparo compõe, juntamente com mais oito cidades¹, o Circuito das Águas Paulista. Está localizada a aproximadamente 139 km de distância (distância calculada por estrada) da cidade de São Paulo, capital paulista²; é uma cidade rodeada por belíssimas montanhas, cachoeiras, ar puro e casarões antigos, criada em 8 de abril de 1829, com 188 anos, tem 70.742 mil habitantes, dados segundo senso IBGE de 2016.

Mãe na adolescência, sofri calada os julgamentos pejorativos, preconceitos, *bullying* e estigmas de uma gravidez nesta fase da vida; todavia fui acolhida e recebi dos meus pais e familiares apoio e carinho. Eles não mediram esforços para amenizar os preconceitos citados, e, ao mesmo tempo, não deixaram que minha história integrasse e contribuísse com os dados de evasão escolar por ser uma adolescente mãe.

Com passos limitados, porém não talhados, prossegui minha vida e meus estudos, graduando-me em Ciências Biológicas (2003- 2005), pelo Centro Universitário Amparense. Recém-formada, em fevereiro de 2006, adentrei o mercado de trabalho como docente de Biologia, pela Rede Estadual de Ensino de São Paulo, Diretoria de Ensino de Mogi-Mirim. Diante de um ambiente instigador, como a sala de aula, busquei recursos que me instruísem para inovar e, entre 2008 e 2009, realizei minha especialização em Metodologia do Ensino de Biologia e Química, por meio de um curso online, *lato-sensu*, oferecido pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). O conhecimento adquirido no curso possibilitou a mudança na abordagem de conteúdo e estratégia em sala de aula, deixando as aulas mais dinâmicas, conexas ao cotidiano e, ao mesmo tempo, divertidas. A aplicação das novas

¹ <http://www.circuitodasaguaspaulista.sp.gov.br/>

² <https://www.distanciaentreascidades.com.br/distancia-de-sao-paulo-sao-paulo-brazil-ate-amparo-sao-paulo-sp>

metodologias adquiridas no curso despertou nos alunos o prazer em participar das aulas e, conseqüentemente, houve melhora no desempenho escolar.

A mudança no planejamento e execução das aulas também proporcionou uma aproximação significativa entre a professora (eu) e os alunos, estabelecendo vínculos de confiança. Passado certo período, tornaram-se comuns em minhas aulas diálogos e questionamentos sobre sexo e sexualidade, assim como ouvir relatos que envolviam histórias de gravidez indesejada, aborto e abuso sexual. Esse fato, somado à minha história de vida, despertou em mim o desejo de compreender melhor a Educação Sexual para que, de maneira coesa e profissional, eu pudesse transmitir melhor esse conhecimento.

Com este intuito, procurei um curso que contribuísse para minha formação e, depois de várias pesquisas, encontrei no Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL), campus Pio XI, a pós-graduação *-lato-sensu-* em Educação Sexual. Em fevereiro de 2010 iniciei o curso, que foi o propulsor de outros Projetos em minha vida. Os professores e coordenadores que compunham a equipe da Pós-Graduação eram extremamente competentes, eles abordavam as diversas dimensões da sexualidade com muita ética e habilidade.

No decorrer da especialização em Educação Sexual (2010–2012), elaborei um projeto voltado para alunos do Ensino Fundamental I, II e Médio, baseado em princípios de empoderamento sexual, conhecimento sobre sexualidade e prevenção de IST/AIDS. Após uma reunião com a coordenadora do curso, Ana Cristina Canosa Gonçalves, o Projeto começou a ganhar vida; ao mostrar o material produzido a ela, a mesma ficou encantada com a riqueza e diversidade da produção, incentivou-me a seguir em frente e a colocá-lo em prática. A partir de então, esse Projeto passou a compor minhas aulas nas escolas da rede pública.

As curiosidades e as perguntas dos alunos ajudaram a enriquecer e a estruturar o Projeto e, ao mesmo tempo, o sorriso de satisfação e gratidão pelo conhecimento expressado

no rosto deles. Em um curto intervalo de tempo foi possível observar uma diferença no discurso dos alunos, fato este que me estimulou a ofertar o Projeto em colégios privados e ONGs.

Em agosto de 2010, em um município vizinho à cidade de Amparo, iniciei meu trabalho como docente, em um colégio privado, para alunos do Ensino Médio. Nesse colégio, tive a oportunidade de apresentar à direção o Projeto de educação sexual e os resultados oriundos da escola pública. Inicialmente a escola não aderiu ao Projeto, porém no decorrer do ano letivo, aproveitando as oportunidades e eventos, foi possível mostrar ao grupo gestor a importância de incluir um Projeto de educação sexual na grade curricular. No final do ano de 2011, para minha surpresa, a direção do colégio resolveu assumir o Projeto Papo Jovem no início do ano seguinte. No decorrer dos anos ele foi crescendo e ganhando mais espaço, sendo inserido no PPP (Projeto Político Pedagógico) do colégio, o qual permanece até o presente momento e, conseqüentemente, tendo um espaço próprio para seu desenvolvimento.

O Projeto apresenta uma metodologia de pesquisa-ação própria, em que um tema é escolhido para ser trabalhado durante o mês, tornando-se o eixo temático e, sobre ele, as aulas são elaboradas.

Paralelo ao desenvolvimento das aulas de Biologia e do Projeto Papo Jovem, contribuí com meus conhecimentos em Educação Sexual em Associações de Jovens Aprendizes, organizações não governamentais e outros Projetos da cidade de Amparo e região, os quais me proporcionaram um grande crescimento pessoal e profissional. Em meio a esse envolvimento com a sexualidade, cursar um programa de pós-graduação *stricto-sensu*, lapidaria meus conhecimentos e engrandeceria meus Projetos e meu currículo.

No primeiro semestre de 2015, navegando pela internet em busca de textos e materiais interessantes em sexualidade para leitura e, conseqüentemente complemento das aulas do Projeto Papo Jovem, deparei-me com comentários a respeito do Programa de Pós-Graduação

em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Campus de Araraquara. Interessei-me pelo programa, passei a preparar a documentação e o Projeto para o processo seletivo que, coincidentemente, seria em breve.

Aprovada no processo seletivo, comemorei o resultado e, em seguida, eliminei todas e quaisquer barreiras e dificuldades que pudessem me impedir de cursar o Programa de Pós-graduação, assim, em agosto de 2015, iniciei a construção desse novo saber, desse meu novo querer no meio acadêmico. Meu orientador, Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, com sua vasta experiência na área acadêmica e, principalmente no campo da educação sexual, não amealhou esforços para mostrar a oportunidade de escrevermos³ nessa dissertação minha trajetória em meio à construção do Projeto em Educação Sexual “Papo Jovem”.

³ Insere-se aqui, o uso da primeira pessoa do plural porque as pesquisas e os trabalhos produzidos no Mestrado são realizados em conjunto orientando – orientador.

1. INTRODUÇÃO

Desde os princípios a sexualidade está presente na vida dos seres humanos, seja no olhar, no vestir, no andar ou no falar. Ano após ano, década após década, ela sempre se fez presente. Em determinadas épocas apresentou-se livre, como na cultura do antigo Egito; e, em outros momentos, castrativa e punitiva, em alguns contextos da Idade Média e no período Vitoriano. A variação de comportamento das pessoas nas diferentes épocas em relação à sexualidade permite compreender o quão mutante ela se fez no passado, o quanto se faz mutável no presente e o quanto ainda mudará no futuro.

O valor, a compreensão e a significação da sexualidade por parte dos seres humanos são passíveis de influências, sejam elas históricas, religiosas ou socioculturais. Eles podem facilitar ou dificultar a compreensão da sexualidade como algo inerente à vida dos seres humanos pela sociedade. A história da sexualidade e a religião, muitas vezes são usadas pela população para justificar comportamentos sexuais da atualidade, entretanto nem sempre justificam os fatos com êxito.

Partindo do ponto que a sexualidade é intrínseca ao ser humano, sua vivência se torna inevitável. Essa vivência oportuniza experiências que geram relatos, palpites e comentários em torno do senso comum, muitas vezes reduzindo-a a um único modelo. A discussão em torno do senso comum dificulta o esclarecimento dos saberes científicos e proporciona conflitos desnecessários, como exemplo encontra-se a palavra sexualidade que, comumente e erroneamente é compreendida como sinônimo do vocábulo sexo.

Essa incompreensão suscita no pensamento dos mais leigos uma falsa concepção do assunto, comprometendo a inserção e disseminação de projetos educacionais em sexualidade na comunidade, principalmente a escolar. A ausência desses projetos contribui com o aumento do número de gravidez na adolescência, de infecções

sexualmente transmissíveis IST/AIDS, da violência sexual, da violência de gênero, da intolerância homoafetiva, entre outros. Portanto, iniciamos nossas discussões compreendendo o real significado das palavras sexo e sexualidade.

Para Guimarães (1995, p. 23) a palavra sexo designa um "(...) fato natural, hereditário, biológico da diferença física entre o homem e a mulher e da atração de um pelo outro para reprodução". Nunes (1997) relaciona o sexo com o biológico-reprodutivo, congregando homens, animais, plantas e todos os seres vivos. Vitiello (1997) remete a palavra sexo à reprodução sexuada. Analisando a frase de Nunes e Vitiello é possível compreender que sexo caracteriza o indivíduo biologicamente e anatomicamente, com pênis e testículo para homens e vulva e vagina para mulheres.

O vocábulo sexualidade distingui-se do sexo biológico por abarcar sentimentos, escolhas, desejos. Chauí (1984) diz que a sexualidade é polimorfa, polivalente e ultrapassa a necessidade fisiológica. Nunes & Silva, (2006) e Maia & Ribeiro (2011), consideram que a sexualidade é intrínseca aos seres humanos e envolve a história e a cultura de cada um.

O termo sexualidade, em sua amplitude de significados relaciona, segundo Payá (2013), com os valores, crenças e comportamentos no tempo e na história das famílias. A autora considera que a identidade cultural de cada família, implica na formação e vivência da sexualidade das pessoas.

A OMS - Organização Mundial de Saúde, (2003, p. 15-16), considera que a sexualidade:

Forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. A sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. A sexualidade é muito mais do que isso, é a energia que motiva encontrar o amor, [...]. A sexualidade influencia

pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto, a saúde física e a mental. Se a saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada como um direito humano básico.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) contribuem ao afirmar que a sexualidade inicia-se no nascimento e vai se constituindo ao longo da vida, de formas diferentes nas etapas do desenvolvimento, atrelando o psíquico à busca do prazer. Em suma, sexo referencia à condição biológica; e sexualidade, à condição histórico-cultural do indivíduo.

De acordo com Brasil (2009), o direito de viver plenamente e expressar livremente a sexualidade sem medo, vergonha, culpa e falsas crenças, é considerado um Direito Sexual de homens e mulheres, porém a maioria das pessoas não desfruta dessa liberdade, pois a repressão sexual ainda impera na sociedade contemporânea.

Chauí (1984) considera por repressão sexual, o sistema de normas, regras, leis e valores explícitos que uma sociedade estabelece no tocante a permissões e proibições quanto às práticas sexuais genitais, comumente definidas pela religião, moral, direito e ciência. Ainda segundo Chauí (1984), qualquer ato ou ação perante o sexo que desvie da função reprodutiva e envolva prazer é considerado por indivíduos conservadores uma desonra. Esse rótulo de desonra é fruto da cultura imposta pelas normas sociais seguidas por diversas famílias.

Assim, ao abarcar a sexualidade como condição histórica do ser humano e partindo do princípio de que, o que se faz hoje, amanhã se torna história, é pertinente que educadores sexuais e profissionais do ramo aproveitem ensejos educativos para construir histórias com legados libertadores, que objetivem a prevalência do respeito e da igualdade entre os sexos, sem violências e repletas de amor. Pensar assim pode parecer utopia, porém

caminhos alternativos, como o projeto em questão, contradizem a onda conservadora e repressora, propiciando conhecimento e empoderamento para escolhas mais conscientes e assertivas.

Arraiados ainda no passado, em suas credices e em seus preconceitos, encontram-se atualmente representantes do poder legislativo que ignoram a laicidade do Estado e colocam seus valores e suas religiões acima do bem comum, dificultando o ensino da educação sexual dentro da escola. A limitação da visão e do conhecimento na educação sexual conduz o pensamento dos leigos e relaciona o sexo ao ato sexual. A malícia do adulto infere na oportunidade de desconstruir mitos e tabus. Zerbinati e Bruns (2017 p.77) retratam que a “educação sexual na atualidade corre risco de extinção ao ser constantemente atacada por movimentos populares e políticos conservadores que compreendem a educação sexual como desnecessária, moralmente inaceitável, desconsiderando sua categoria científica”.

O artigo 227 da Constituição Federal Brasileira⁴ considera

dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Constituição Federal Brasileira, 1988).

Portanto quando representantes legislativos usam do poder para desvincular a informação necessária devido aos seus pré-conceitos, segregam do conhecimento

questões básicas de saúde e educação que poderiam contribuir na prevenção de violência, por exemplo.

Gadotti (2007) enfatiza que a escola reúne milhares de pessoas constituintes de múltiplas visões e personalidades, que ela não é só um espaço físico, mas sim um espaço de relações, um ambiente que ultrapassa a exclusividade do estudo científico. É um espaço no qual os alunos se encontram para conversar, confrontarem-se uns com os outros, discutir, fazer política, entre outros. É, acima de tudo, um modo de ser, de ver a vida. A escola transmite conhecimentos e contribui na formação pessoal e intelectual de seus integrantes, portanto é importante ampliar as questões pedagógicas e romper com o ensino tradicional para conectar a educação com a sexualidade, visando à mesma liberdade encontrada na pedagogia libertadora de Paulo Freire, uma vez que ela não fica do lado de fora do colégio quando crianças, adolescentes e professores adentram seus portões.

É importante frisar que “a sexualidade é primeiramente abordada no espaço privado, por meio das relações familiares” (PCNs, 2001, p.121). Gadotti (2007) afirma que o que se aprende depende das condições de aprendizagem; para o autor, a família é a primeira comunidade de aprendizagem e o ensino da sexualidade dentro de casa pode ser transmitido de forma emancipatória ou repressora.

A sexualidade é um tema tabu na sociedade e muitos pais, por também não terem recebido orientação, sentem-se constrangidos. O questionamento quanto à idade correta para se falar a sobre o tema, acompanhado do medo de incentivar a iniciação sexual, é comumente verbalizado pela família. Zocca (2015) diz que nem sempre a família se encontra apta para lidar com as diversidades que o tema demanda. Muitas vezes pais e responsáveis se encontram desorientados diante dos questionamentos feitos pelos filhos,

⁴ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc65.htm#art1 acesso em 28/09/2017.

relegando a terceiros, como professores, a transmissão desse conhecimento ou ignorando sua existência.

É preciso usufruir o que Gadotti (2007) chama de sociedade “aprendente”. Para ele, “vivemos numa sociedade de redes e de movimentos, uma sociedade de múltiplas oportunidades de aprendizagem, “sociedade aprendente”, na qual as consequências *do aprendizado- (grifo meu)* para a escola, para o professor e para a educação em geral são enormes” (Gadotti, 2007, p.13). Conviver e integrar a sexualidade, nessa sociedade, oportuniza a criança e o adolescente, ainda segundo Gadotti, a “aprender a pensar autonomamente, [...] ter disciplina, ser sujeito da construção do conhecimento, estar aberto a novas aprendizagens e a conhecer as fontes de informação” (Gadotti, 2007, p.13), contribuindo para um reducionismo acrítico e consumista imposto pelas redes sociais e pela mídia.

Para Ribeiro, (1990):

Vivemos em uma sociedade de consumo onde se valoriza em demasia o superficial, o aparente. Ensina-se a levar vantagem em tudo e até a encarar o outro como alguém a ser usado para atingir um objetivo. O pensar é condicionado e os nossos televisores saturados de programas e propagandas solicitando que o expectador compre... leve... experimente... faça isso.. faça aquilo... e o ouvinte é levado a fazer o que a TV propõe. O jovem segue as novas regras sem nenhum questionamento, apenas porque alguém sugere que isto é bom ou ruim, porque todo mundo faz ou porque está na moda. (Ribeiro, 1990, p.16).

Ao relacionar a “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire com a “Sociedade Aprendente” de Gadotti percebe-se que a aprendizagem conduz os oprimidos a desvelarem-se

no mundo dos opressores, comprometendo-se na práxis, transformando a realidade opressora em realidade libertadora.

Segundo Freire (1997), quando os oprimidos descobrem essa possibilidade, eles se engajam na luta organizada, começam a crer em si mesmos, superando o convívio com o regime opressor. Projetos escolares inovadores, nos quais os adolescentes são os protagonistas, são meios que possibilitam os adolescentes crerem em si e em sua capacidade.

Por outro lado, sabe-se que palestras em educação sexual estão sendo constantemente requisitadas por escolas, mas nem sempre a oratória empregada oportuniza o construtivismo. Para Freire (1997, p.80), a narração de que o educador é o sujeito que conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado, de maneira que a educação se torna um ato de depositar. Não é comum encontrar projetos perenes em educação sexual, mas sim ações pedagógicas dos Bombeiros e Avestruz, como sugerem Nunes e Silva (2000, p.3):

[...] “pedagogia do bombeiro”, entendendo-a como aquela intervenção unilateral de supostamente “apagar focos de incêndios” no tocante às manifestações da curiosidade sexual infantil, inibidora e mistificadora, contrapondo-a à “pedagogia da avestruz”, entendendo-a como aquela atitude de “fingir que não vê”, enterrando a cabeça na areia do dia-a-dia, para não focar a questão.

Atitudes como “apagar os focos de incêndio” e “enterrar a cabeça na areia do dia-a-dia”, são mais comuns do que podemos imaginar. Iniciativas de discutir a sexualidade nas escolas esbarram com a formação profissional dos professores, que por vezes inseguros devido à ausência na formação (licenciatura), optam por silenciar-se ou esquivar-se.

Há de se considerar também que a mídia dificulta a proximidade da educação sexual no desenvolvimento de projetos, por expor a sexualidade de forma pejorativa. Outro fator

relevante é que muitas pessoas não estão em harmonia com seu próprio corpo e sexualidade, não conseguindo falar sobre sentimentos, intimidades e prazeres.

A escola, sendo um espaço de construção, torna-se um ambiente adequado para educação sexual, que se bem fundamentada, aplicada e dirigida por profissionais qualificados, aptos a explorar as vertentes biológicas, históricas, políticas, sociais, entre outras, podem contribuir com a aprendizagem e a formação integral de indivíduos, apesar da repressão sexual. Ribeiro (1990) considera que a educação sexual surge basicamente em função da repressão estabelecida pela cultura e pela sociedade, fato que contribuiu para que o meio acadêmico inserisse essa temática no campo da pesquisa.

Para Bedin (2010 p. 11), estudos e pesquisas históricas da sexualidade, nos levam a compreender a prática sexual e a sexualidade como frutos de uma cultura; segundo a autora, “a institucionalização do estudo do sexo oficializa a sexologia como um campo científico, como uma área de conhecimento reconhecida, impulsionando o desenvolvimento de pesquisas e estudos específicos”. Ribeiro (1990), por sua vez, diz que a Educação Sexual no Brasil se intensificou na década de 80, e a abertura política no início dessa década trouxe significativas implicações no campo da sexualidade. Bedin (2015), afirma que após o reconhecimento da sexualidade como um campo de estudo, começa a segunda fase de institucionalização do conhecimento sexual no Brasil, para ela; vários congressos, sociedades científicas e grupos de pesquisa em universidades contribuíram com os estudos em sexualidade humana⁵. A tabela anexa, encontrada nos trabalhos de Bedin (2010), elenca os diversos grupos de pesquisa do Brasil.

Quadro de Grupos de Estudo em Educação Sexual

⁵ É possível, por exemplo, acompanhar a trajetória histórica dos referidos grupos de estudo na dissertação de Mestrado em Educação Escolar de Regina Célia Bedin (2010), intitulada: “A institucionalização do conhecimento sexual enquanto tema de investigação e ensino em universidades brasileiras a partir das ações de grupos de pesquisa”.

NOME DOS GRUPOS DE PESQUISA	VINCULAÇÃO INSTITUCIONAL	UNIDADE DA FEDERAÇÃO
EDUSEX Grupo de Estudos em Educação Sexual	UDESC Florianópolis	SC
NUSEX Núcleo de Estudos da Sexualidade	UNESP Araraquara	SP
CIPESS Círculo de Pesquisa em Educação Sexual e Sexualidade	UEL Londrina	PR
GESEXs Grupo de Extensão e Pesquisa sobre Sexualidades	UNESP Rio Claro	SP
GEPESEC Grupo de Estudos e Pesquisa "Sexualidade, Educação e Cultura"	UNESP Bauru	SP
GESE Grupo de Pesquisa "Sexualidade e Escola"	FURG Rio Grande	RS
NUDISEX Núcleo de Estudos sobre Diversidade e Sexualidade	UEM Maringá	PR
GPESS Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Sexualidades	UNESP Marília	SP
Sexualidade & Vida	USP Ribeirão Preto	SP
GEPS Grupo de Estudos e Pesquisas sobre as Sexualidades	UNESP Assis	SP
Sexualidade, Meio Ambiente e Educação	UFPB João Pessoa	PB
GEISH Grupo de Estudos Interdisciplinares em Sexualidade Humana	UNICAMP	SP
NUDISE Núcleo de Diversidade e Educação	UNESP Presidente Prudente	SP
Sexualidade, Gênero, Etnia e Educação	UEMG	MG
NUGSEX Diadorim Núcleo de Estudos de Gênero e Sexualidade	UNEB Salvador	BA
Gênero, Sexualidade e Saúde	UERJ Rio de Janeiro	RJ
Núcleo de Estudos de Sexualidade e Educação	Universidade Mackenzie	SP
Relações entre Filosofia e Educação para a Sexualidade na Contemporaneidade	UFLA Lavras	MG
FAGES Núcleo de Família, Gênero e Sexualidade	UFPE Recife	PE
Gênero, Corpo e Sexualidade	UFRN Natal	RN
CAESOS Centro Avançado de Educação para a Saúde e Orientação Sexual	USP Ribeirão Preto	SP

Tabela 1 – Grupos de Estudo em Educação sexual
(Fonte: Bedin, 2010)

Paralelo à visibilidade da educação sexual oferecida pelos grupos de estudo encontram-se, através da vertente biológica, índices que apontam a importância da educação sexual pelo viés da saúde sexual. Com relação a isso, o Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/AIDS e das Hepatites Virais apontou, através de um levantamento de dados, desde o início da epidemia (1980) até junho de 2016, que, no Brasil, encontram-se cerca de 840 mil casos de AIDS registrados. Anualmente a média é de cerca de 41,1 mil casos, sendo que a principal forma de transmissão do vírus, para maiores de 13 anos, é a sexual. As infecções sexualmente transmissíveis (IST), consideradas como um dos

problemas de saúde pública mais comuns em todo o mundo, apontam índices alarmantes de infecções. As estimativas da Organização Mundial de Saúde (OMS) quanto às de infecções de transmissão sexual na população sexualmente ativa a cada ano alcançam a seguinte proporção:

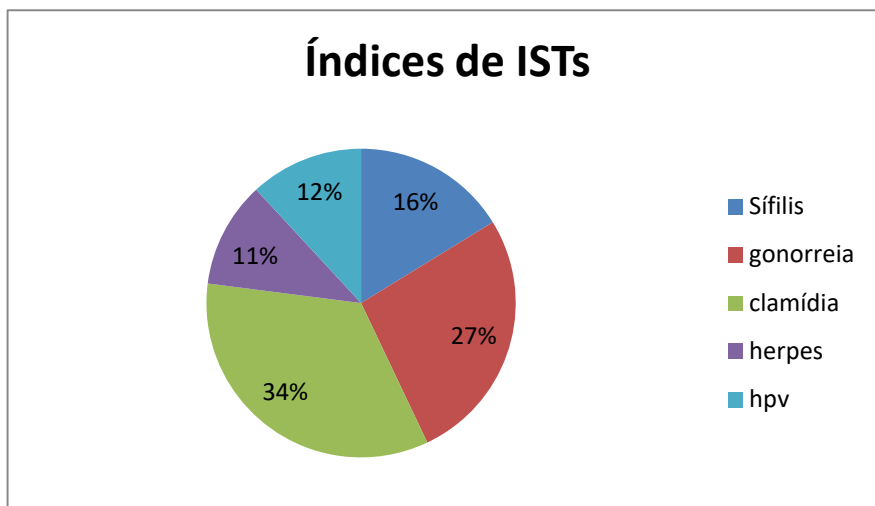


Gráfico 1 – Índices de Infecções Sexualmente Transmissíveis
Fonte: Departamento de vigilância, prevenção e controle das IST, do HIV/AIDS e das Hepatites virais – Ministério da Saúde

Além das ISTs, os alarmantes registros são de gravidez na adolescência. O estudo realizado por Silva & Surita (2012) revelou que o número de partos entre garotas de 10 a 19 anos, atendidas pelos SUS entre 2000 e 2009, diminuiu, porém, ao olhar minuciosamente para o gráfico, encontra-se um número intimidante de adolescentes grávidas e o declínio se torna pequeno perante a representatividade da situação.

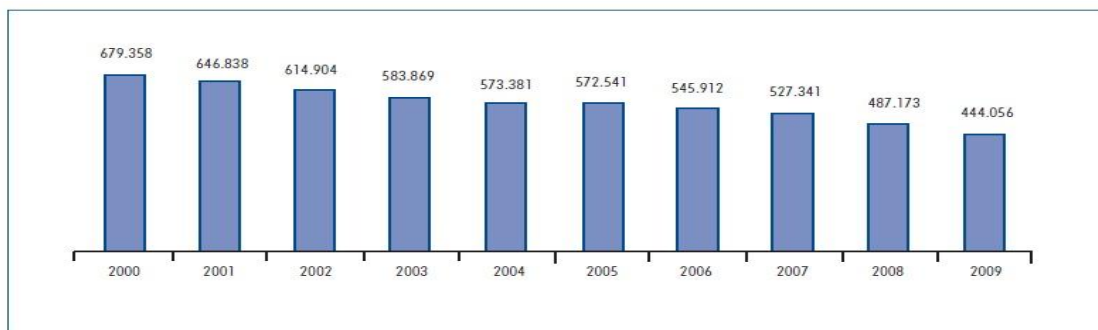


Figura 1. Evolução do número de gestações em adolescentes entre 2000 a 2009 no Brasil⁶.

Gráfico 2 – Índices de Gravidez na Adolescência
Fonte: Silva & Surita 2012

Limitando o espectro de visão da gravidez na adolescência a um nível regional, encontra-se no Estado de São Paulo, nos últimos seis anos (2010-2015), uma redução significativa no número de partos entre adolescentes de 10-19 anos, segundo dados do Ministério da Saúde/DataSus.

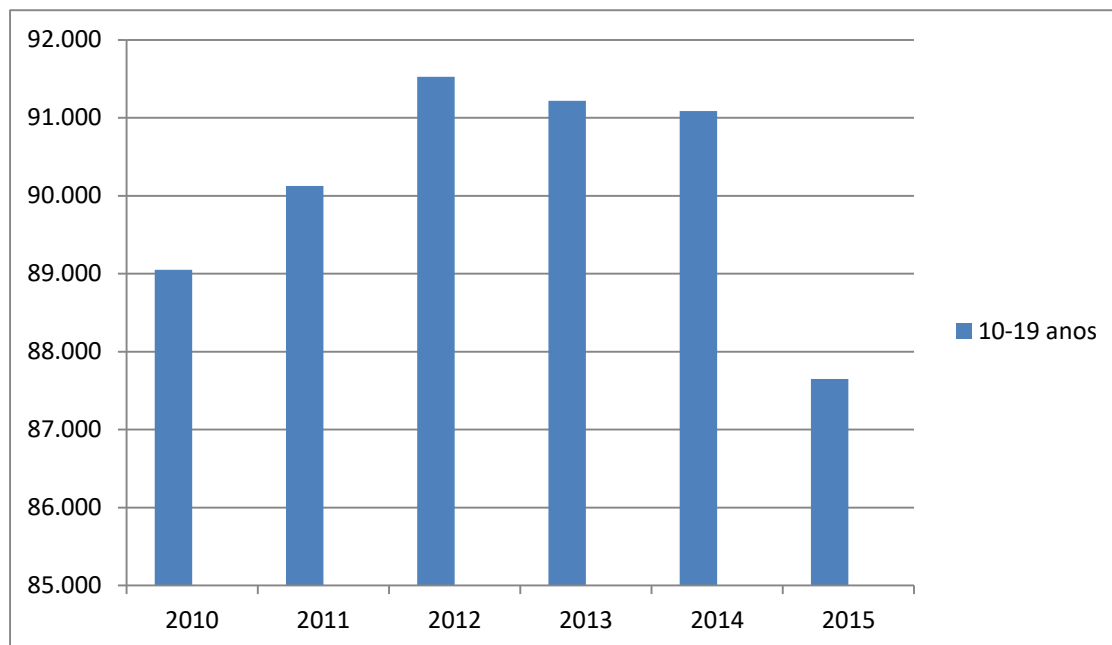


Gráfico 3 – Índices de gravidez na Adolescência entre 2010-2015 no Estado de São Paulo. Elaboração própria com base nos dados do Ministério da Saúde/DataSus.

É provável que a redução apresentada no ano de 2015, esteja vinculada ao trabalho educativo em sexualidade inserido nas escolas públicas pelo governo do Estado de São Paulo.

A evidência da sexualidade pelos grupos de estudo e pelo viés da saúde sexual e reprodutiva suscitou abertura para a discussão do tema e contribuiu para que alguns projetos ganhassem espaço no ambiente escolar. O PCN, formulados em 1997, contribuiu para o desenvolvimento de projetos nas escolas, proporcionando autonomia, amparo e respaldo legal para o diálogo e o trabalho com a educação sexual.

Um dos objetivos dos PCNs é contribuir para a redução dos índices de IST/AIDS, gravidez indesejada e minimizar vulnerabilidades às quais crianças e adolescentes estão expostos.

Os conteúdos a serem abordados foram divididos em três blocos:

1. Corpo: matriz da sexualidade;
2. Relações de gênero;
3. Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS.

Os PCNs (2001) salientam que “os conteúdos podem e devem ser flexíveis, de forma a abranger as necessidades específicas de cada turma a cada momento” (PCNs, 2001, p. 138).

A orientação sexual, termo usado pelo documento, tem por diretriz abordar a sexualidade de maneira transversal nas diversas disciplinas do currículo:

Trabalhar o esclarecimento e a problematização de questões que favoreçam a reflexão e a ressignificação das informações, emoções e valores recebidos e vividos no decorrer da história de cada um, que tantas vezes prejudicam o desenvolvimento de suas potencialidades. Ressalta-se a importância de abordar a sexualidade da criança e do adolescente não somente no que tange os aspectos biológicos, mas também e principalmente os aspectos sociais, culturais, políticos e psíquicos dessa sexualidade. (Brasil, 2001, p.127).

Com o intuito de trabalhar a Orientação Sexual, após a proposta dos PCNs, alguns livros e materiais pedagógicos foram entregues às escolas. Silva (2016), em sua dissertação de Mestrado, fez um levantamento dos materiais educativos em sexualidade que foram distribuídos pela Secretaria Estadual de Educação de São Paulo/SEESP. Em sua pesquisa, Silva (2016) encontrou nas escolas públicas materiais dos projetos “Prevenção Também se Ensina” e “Comunidade Presente”. O material recebido nas escolas contém livros, DVD e jogos. Usufruindo deles, a SEESP visa reduzir a vulnerabilidade da comunidade escolar em relação à gravidez na adolescência, às IST e às drogas, promovendo a cidadania.



Foto 1 - Kit Prevenção

Fonte: Fundação para o desenvolvimento da educação - FDE

A imagem do Kit de prevenção faz referência a gama de materiais ofertados às escolas públicas do Estado de São Paulo. O arcabouço de materiais recebidos oportuniza a construção do trabalho educativo em sexualidade, porém de acordo com a pesquisa realizada por Silva (2016), 47,7% dos entrevistados desconhecem e/ou não tiveram contato com o Kit “Prevenção Também se Ensina”.

Contrário a essa realidade, encontra-se presente no Caderno do Aluno⁶ do Estado de São Paulo, na disciplina de Biologia, volume dois, da primeira série do Ensino Médio, a abordagem da sexualidade humana integrando o tema: Adolescência e Qualidade de vida. Para explanar esse tema com os adolescentes foram propostas quatro situações de aprendizagem, que se encontram descritas na tabela 2.

⁶ O caderno do aluno é um material complementar à aula; é de uso contínuo do discente em sala de aula e assemelha-se a uma apostila.

Tema: Adolescência e Qualidade de Vida	
Situação de Aprendizagem 1	Vulnerabilidade
Situação de Aprendizagem 2	Menina-mãe e Menino-pai
Situação de Aprendizagem 3	A AIDS também é problema seu
Situação de Aprendizagem 4	Camisinha é prevenção

Tabela 2 – Situações de Aprendizagem encontradas no caderno Aluno.
Fonte: Elaboração própria com base no Caderno do Aluno de Biologia do Estado de São Paulo

Dentre as diversas situações de aprendizagem, a número dois, Menina-mãe e Menino-pai, destaca-se por estar atrelada ao material “Vale Sonhar”, do Instituto Kaplan. Este material relaciona a informação aos jogos e ao lúdico, oferecendo três oficinas:

1. “Despertar para o sonho”
2. “Nem toda relação sexual engravida”
3. “Engravidar é uma escolha”.

Essas oficinas levam o adolescente a sonhar com o futuro, a refletir sobre a própria vida, a conhecer mais sobre seu corpo e sobre os métodos contraceptivos.

Embora se reconheça a importância do diálogo sobre a dimensão biológica, nota-se a ausência de outras temáticas e dimensões pertinentes à sexualidade.

Segundo o Instituto Kaplan⁷ para que o material pudesse chegar às salas de aula, a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo contou com o financiamento de empresas, ou seja, para que projetos educativos em sexualidade tenham sucesso é necessário investir. Vale ressaltar que, desde a implementação do Vale Sonhar, os índices de gravidez na adolescência reduziram nos municípios em que foram aplicados.

O projeto piloto do Vale Sonhar foi aplicado no Vale do Ribeira, região do litoral paulista e profissionais da educação dos quatorze municípios da região: Ilha Comprida,

⁷ O Instituto Kaplan é uma associação de educação e assistência social, sem fins lucrativos, sediada em São Paulo.

Pariquera-Açu, Barra do turvo, Juquiá, Jacupiranga, Cananéia, Iguape, Pedro de Toledo, Miracatu, Iporanga, Registro, Eldorado, Itariri e Cajati. Após um ano de aplicação do projeto, registrou-se queda de 80% no número de gestações nas escolas participantes, segundo dados do Vale Sonhar (2007), organizados por Vilela.

Em busca de uma queda significativa na gravidez na adolescência, a metodologia do Vale Sonhar, passou a integrar o Caderno do Aluno, fato que contribui para que o material não fique em desuso ou camuflado no armário das escolas. Entretanto, a desvantagem é que a aplicação do conteúdo fica restrita aos professores de Biologia.

A grande visibilidade dos grupos de estudo, a relevância dos dados de saúde e a disponibilidade de alguns materiais não foram suficientes para garantir que a educação sexual fosse realizada de forma íntegra e nas escolas. As que realizam algo, na maioria das vezes, restringem-se a projetos ou eventos esporádicos. Para Ribeiro: “Por mais que haja uma intensa e valiosa produção bibliográfica em sexualidade, gênero e educação sexual gerada a partir das universidades, a penetração destes grupos nas escolas brasileiras ainda é incipiente e insuficiente” (Ribeiro, 2013 p.9).

1.1 Justificativa do tema

A educação sexual não é quista pela sociedade. O verdadeiro significado do termo não é considerado; o substantivo “educação” é ignorado e a palavra “sexual” é julgada com malícia e preconceito pelo adulto, segundo Silva (2010, p.51). Costumamos pensar em sexo e nas manifestações da sexualidade com a cabeça de gente grande, com a experiência do adulto, esquecendo-se de como fomos e vivemos a nossa sexualidade até chegar à vida adulta.

As repercussões midiáticas sobre sexualidade são vistas como algo negativo pelos pais, professores e sociedade em geral; entretanto, não se pode negar a presença da sexualidade no cotidiano e, conseqüentemente, no ambiente escolar. Para Ribeiro (1990), a educação sexual refere-se:

Aos processos culturais contínuos, desde o nascimento que, de uma forma ou de outra, direcionam os indivíduos para diferentes atitudes e comportamentos ligados à manifestação de sua sexualidade. Esta educação é dada indiscriminadamente na família, na escola, no bairro, com os amigos, pelos meios de comunicação etc. É a própria evolução da sociedade que determina os padrões sexuais de cada época, e, conseqüentemente, a educação sexual no indivíduo. (Ribeiro, 1990, p. 2-3).

Sendo a sexualidade algo inerente à vida, oportunizar discussões e reflexões na escola permite que crianças e adolescentes sejam capazes de diferenciar caminhos a serem seguidos e a tomar decisões com maior consciência. Neste contexto, a escola desempenha papel fundamental na vida das crianças e dos adolescentes. Assim, ter projetos que

venham ao encontro de angústias e curiosidades deles favorece a autonomia dos indivíduos e contribui para o empoderamento na tomada de decisões.

Visando contribuir com a autonomia e o empoderamento dos adolescentes, instituiu-se no colégio Integrado de Jaguariúna um Projeto chamado Papo Jovem, que permitiu que temas considerados tabus pela sociedade, como a educação sexual, passassem a ser dialogados.

O Papo Jovem proporciona atividades e projetos que estão ligados aos quatro pilares da educação:

1. Aprender a conhecer: momento em que a informação passa a ser conhecimento;
2. Aprender a fazer: momento em que os alunos transformam o conhecimento adquirido em projetos, jogos, livros, vídeos, entre outros;
3. Aprender a viver com os outros: momento em que as atividades atingem a comunidade e exige diálogo e bom relacionamento com colegas e família;
4. Aprender a ser: momento em que os alunos se reconhecem como sendo capazes de realizar mudanças pessoais e passam a contribuir com o bem estar do outro.

Muitas atividades realizadas se tornaram eventos, o que contribuiu para a disseminação da Educação Sexual e, com isso, o Papo Jovem vem escrevendo sua história.

1.2 Problema de pesquisa

É plausível professores e ou educadores desenvolverem projetos perenes de educação sexual e integrá-los ao currículo escolar e ao Projeto Político Pedagógico? Como isso seria possível?

1.3 Objetivo Geral

Conhecer como ocorreu a institucionalização da Educação Sexual em uma escola da rede privada de ensino na cidade de Jaguariúna-SP a partir da trajetória histórica do Projeto Papo Jovem, desenvolvido pela autora e pesquisadora do presente estudo.

1.4 Objetivos Específicos

1. Descrever como o Projeto Papo Jovem passou a integrar o currículo escolar da escola;
2. Identificar as dificuldades encontradas no processo de construção do Projeto Papo Jovem;
3. Analisar as conquistas obtidas no decorrer da implantação do Projeto.

1.5 Método

Método é o caminho percorrido para atingir determinado objetivo. Usando as palavras de Markoni e Lakatos (2010 p.65), diz-se que “método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo [...] traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões dos cientistas”. Prodanov e Freitas (2013) compreendem a Metodologia como uma disciplina que consiste em estudar, compreender e avaliar os vários métodos disponíveis para a realização de uma pesquisa acadêmica.

Para retratar a história da institucionalização do Projeto Papo Jovem no presente estudo,

empregou-se a pesquisa científica de cunho qualitativo, percorrendo-se o trajeto histórico, analítico, descritivo; porém é necessário salientar que a metodologia de aplicabilidade do Papo Jovem no Colégio Integrado provem da natureza de pesquisa-ação.

A pesquisa qualitativa é uma área da ciência que visa compreender e qualificar as pesquisas e não quantificá-las, segundo Gerhardt e Silveira (2009):

Os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. (p. 31).

Para Minayo (2007), pesquisar qualitativamente um trabalho requer uma profunda relação com processos e fenômenos sem evidenciar as operacionalizações de variáveis.

O método histórico consiste em investigar fatos do passado utilizando métodos descritivos e analíticos, os quais mapeiam as experiências passadas, localizam no tempo e espaço uma pessoa, uma tendência, um evento ou uma organização. O método histórico-analítico tenta encontrar informações sobre como o evento ocorreu, quem o provocou, porque foi provocado, quais as possíveis consequências atribuídas, entre outras.

Marconi e Lakatos (2010), apontam que o método histórico, além de investigar acontecimentos, processos e instituições do passado, verifica a influência, entre elas a cultural, de cada época na sociedade hoje. Na pesquisa descritiva, Prodanov e Freitas (2013) dizem que o pesquisador só observa, registra, analisa e ordena dados, sem necessariamente manipulá-los.

Assim, através da análise de fatos e eventos ocorridos durante os anos de trabalho do Papo Jovem, é descrita a história de implementação do Projeto no Colégio Integrado.

1.6 Instrumentos

Os instrumentos de análise conduzem a pesquisa. Gerhardt e Silveira (2009) dizem que nesta fase é importante obter informações que possam testar as hipóteses, portanto o tipo de instrumento e a informação devem viabilizar a análise. Assim os instrumentos utilizados nesta pesquisa provêm de fotografias, gravação de filmes e posts disponíveis em redes sociais, listas de chamada, gravação em rádio, panfletos impressos e reportagens de jornais.

1.7 Procedimento de análise de dados

Ao analisar os dados, é possível perceber que o Projeto Papo Jovem foi se constituindo pelas “brechas” do sistema de ensino. As imagens relatam que os eventos criados pela professora foram cada vez mais oportunizando visibilidade e aceitação. Aos poucos um tema antes considerado tabu no referido Colégio, passou a circular entre os membros da referida comunidade escolar, tornando-se comum e, posteriormente, algo cultural.

Ao acompanhar as listas de chamada, verifica-se que, anualmente, cerca de trinta alunos saem do ambiente escolar e partem para as Universidades e Faculdades com, no mínimo, um pouco de conhecimento e esclarecimento sobre sexualidade. No entanto, ações mais pontuais deveriam ser aplicadas na comunidade com alunos do Ensino Médio.

Analisando a grade de temas de trabalho de Projeto, percebe-se que praticamente todas as dimensões da sexualidade humana são trabalhadas; no entanto, seria oportuno que outros profissionais integrassem o Projeto para ampliar e oportunizar visões e diálogos diferentes para os alunos.

O Projeto e a professora Rita Bueno receberam autorização da mantenedora e da Direção do Colégio para usar as fotos, citar os nomes dos alunos e da escola, uma vez que

todos, no início do ano letivo, assinam um contrato autorizando o Colégio a divulgar imagens.

2. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL

A história da Educação Sexual no Brasil tem sido estudada por alguns autores ao longo dos últimos 30 anos, entre eles: Bedin (2016), Chauí (1984), Figueiró (1998), Pinheiro (1997), Ribeiro (2004), Ribeiro (2013), Rosemberg (1985), Russo et al. (2011) e Silva (2002). De 1984 para cá, esses estudiosos têm se dedicado a sistematizar as intervenções, eventos e publicações que se referem ao encontro entre a sexualidade e a educação em diferentes momentos sociopolíticos do país.

Ribeiro (2004) descreve o que ele chama de *momentos da educação sexual no Brasil*, identificando e descrevendo seis períodos que demarcam transformações no campo da sexualidade e da educação sexual no país. Devido ao foco desta pesquisa, iremos apresentar com mais detalhes apenas os dados a partir do *quarto momento*, que se refere à década de 1960, além de contextualizar o *terceiro momento*, que se refere ao período por volta de 1920 até a década de 1950. Contudo, antes apresentaremos brevemente os dois primeiros momentos.

Para Ribeiro (2004), o *primeiro momento* remete ao Brasil Colônia, em que era marcante o “sexo pluriétnico libidinoso para o homem; submissão e repressão do comportamento sexual da mulher; e normas, regras e condenações por parte da Igreja” (Ribeiro, 2004, p. 16). O *segundo momento* ocorre no século XIX, em que é expressivo o “controle da sexualidade e das práticas sexuais licenciosas (originadas na Colônia) sob a normatização da moral médica” (Ribeiro, 2004, p. 16).

Já o *terceiro momento* ocorre nas primeiras décadas do século XX, especialmente a partir de 1920; livros que abordam a sexualidade são publicados por médicos, professores e sacerdotes, com o objetivo de orientar as práticas sexuais dos indivíduos (Ribeiro, 2004). Alguns desses livros, publicados ainda na década de 1920, são: *Perfil da mulher brasileira*,

publicado em 1924 por Antonio Austregesilo; *Introdução ao estudo da pathologia sexual e Da impotência sexual do homem*, ambos publicados em 1928 por José de Albuquerque (Reis & Ribeiro, 2004).

De acordo com Ribeiro (2013), a discussão sobre a inclusão de questões referentes à sexualidade no currículo escolar começa a tomar forma no Brasil, no início do século XX, como resultado das influências das concepções médico-higienistas do século XIX. Neste cenário o foco era o combate à masturbação e às doenças venéreas, além do preparo da mulher para ser esposa e mãe. Preocupava-se também com a questão da prostituição e de uma nova “ordem médica e norma familiar” na qual à mulher era atribuído o papel de cuidar da saúde e da educação dos filhos, realizando uma ponte entre a medicina higienista e o interior das famílias (Costa, 1999; Ribeiro, 2013; Silva, 2002).

Segundo Figueiró (1998), os primeiros trabalhos de educação sexual no Brasil ocorreram nas décadas de 1920 e 1930, a partir das iniciativas de educadores e médicos que defendiam a Educação Sexual na escola. Silva (2002) enfatiza o aspecto biologicista da Educação Sexual nesse período, afirmando que a partir da década de 1920 começa a surgir preocupação em ensinar nas escolas a fisiologia sexual nos moldes do discurso higienista, a fim de modernizar os conhecimentos no país com base no que se discutia em países europeus. Para Figueiró (1998), médicos e educadores eram motivados pela melhoria da saúde das mulheres e um aumento do conhecimento sobre elas, mas sem a intenção de modificar seu lugar na sociedade. Tratava-se, em vez disso, de uma motivação de cunho moralista e biologicista, que encontrava na educação sexual uma forma de evitar a “perversão moral”, as “psicoses sexuais” e assegurar a “saudável reprodução da espécie” (Bruschini & Barroso, 1986, citadas por Figueiró, 1998). Por outro lado, o movimento feminista da época (década de 1920), liderado por Bertha Lutz, tinha uma motivação política diferente: implantar a

educação sexual nas escolas com o objetivo de *proteção* à infância e à maternidade (Ribeiro, 2013).

A primeira tentativa de incluir a Educação Sexual no currículo escolar ocorreu em 1930, no Colégio Batista do Rio de Janeiro. A experiência prosseguiu por vários anos até a demissão e processo, em 1934, do professor responsável pelo projeto (Figueiró, 1998). De acordo com Rosemberg, (1985, p. 12): “a Igreja Católica constituiu um dos freios mais poderosos, até a década de 60, para que a Educação Sexual formal penetrasse no sistema escolar brasileiro.” De acordo com a autora, a Igreja Católica ocupava uma posição de destaque na tomada de decisões a respeito dos rumos da educação nacional. Tendo a Igreja Católica um posicionamento repressivo em relação à sexualidade, a transmissão de informações a respeito do tema, bem como as manifestações sexuais entre os estudantes eram fortemente reprimidas (Rosemberg, 1985).

De acordo com Chauí (1984), a Igreja Católica compreende o sexo como essencialmente atado ao pecado, à morte e à finitude, devendo ser tratado com continência ou mesmo abstinência, ainda que ao longo da história tenham sido permitidas “concessões” que acompanharam as mudanças sociais e formulações filosóficas. O casamento, por exemplo, desde o século XIII, tem sido compreendido como um “mal menor”, uma alternativa àqueles que não conseguem se manter virgens.

Segundo Chauí (1984), Santo Agostinho aponta para uma relação entre a curiosidade, ou o desejo de saber, e o sexo, “donde a necessidade de conter a curiosidade, tanto dos olhos como do intelecto, preparando, com isso, a ação repressiva que o cristianismo iria exercer sobre o desejo de conhecimento (...)” (Chauí, 1984, p. 96). Nesse sentido, a educação sexual pode trazer o temor de se tocar sobre um assunto que não deveria ser conhecido. Afinal, foi justamente o contato humano com a “árvore do conhecimento” que fez Adão e Eva serem expulsos do Paraíso e que originou o “pecado original”.

Voltando à argumentação de Rosemberg (1985), não é que até a década de 1960 não se falava sobre sexualidade, mas tratava-se da veiculação controlada de um discurso específico, pautado em diretrizes da Igreja que tratavam a sexualidade como algo pecaminoso, que deveria voltar-se apenas à reprodução. Nessa empreitada de controle da expressão sexual, editoras católicas publicaram livros de orientação que tratavam a sexualidade como algo negativo e que deveria ser vigiado e controlado. Também era comum que produções culturais consideradas “subversivas” tornassem alvo de campanhas criadas ou apoiadas pela Igreja, que acabavam até mesmo por influenciar autoridades políticas (Rosemberg, 1985).

Não podemos nos esquecer, no entanto, que essa era uma posição da Igreja e que, nos anos 1930-1950, para contrapor esse posicionamento, tivemos muitos autores não ligados a essa ala religiosa que publicaram obras propondo e defendendo a Educação Sexual (Ribeiro, 2004).

A situação só começa a se modificar após o Concílio Vaticano II, quando algumas ordens religiosas passam a ver a sexualidade de forma diferente, devido ao novo valor atribuído a esta no plano da criação divina: de acordo com o Frei Eliseu Lopes, “o homem é imagem de Deus não apesar do sexo, mas imagem de Deus graças ao sexo” (Lopes, 1967, p. 34, citado por Rosemberg, 1985, p. 13). Chauí (1984, p. 100) explicita como “o amor profano recupera dignidade” no decorrer do século XX devido a 3 causas precisas: 1- a importância social dada ao amor na arte, literatura e outras expressões culturais, e a consequente necessidade de trazê-lo para o casamento, onde a Igreja poderia tê-lo sob regulação e, com isso, conservar o controle social; 2- a ideia da Natureza como auxílio da Graça Divina, que já estava sendo desenvolvida na sociedade cristã, ainda que por muito tempo estivesse silenciada; 3- por razões políticas, ao alçar o amor como forma de valorizar a família, o que busca se opor aos movimentos socialistas que à época – meados do século XX – representavam uma ameaça aos interesses da Igreja, já que esses movimentos criticavam a família enquanto instituição

repressiva burguesa. Assim, o amor “carnal” passa a ser valorizado, desde que entendido como parte das uniões monogâmicas heterossexuais reprodutivas.

Deste modo, a partir da década de 1960, alguns colégios católicos passaram a desenvolver programas de Educação Sexual, assim como várias outras instituições educacionais, que serão mencionadas logo após a contextualização deste período (Figueiró, 1998; Rosemberg, 1985).

Durante a década de 1960 ocorre à implementação de programas de educação sexual em algumas escolas do país, o que só pôde ser possível devido às transformações culturais, políticas e sociais da época, que tiveram efeitos sobre os comportamentos sexuais e demandaram a discussão sobre o tema (Bedin, 2016; Pinheiro, 1997; Ribeiro, 2004; Ribeiro, 2013; Rosemberg, 1985). Ribeiro (2004) chama esse período de *quarto momento da educação sexual no Brasil*.

De acordo com Pinheiro (1997), o início da década de 1960 foi marcado pela instabilidade política e forte presença das forças armadas nas decisões do governo. No entanto, às vésperas do Golpe de Estado de 1964, havia ainda um clima de liberdade de imprensa e forte representatividade do movimento estudantil e outros movimentos sociais. No campo da cultura a juventude brasileira era influenciada pelo fenômeno do *rock'n'roll*, movimento de intenso conteúdo crítico. No campo dos movimentos sociais grupos internacionais de feministas e jovens contestavam os padrões sociais vigentes, contribuindo para a liberação sexual no país. Como aponta Bedin (2016), havia uma mentalidade favorável à Educação Sexual na década de 1960, possibilitada pelos sexólogos pioneiros no Brasil, entre eles José de Albuquerque e Hernani de Irajá, além de autores que publicaram obras sobre sexualidade nas décadas anteriores, como Hernesto Then de Barros e Imídio Giuseppi Nérici. De acordo com Figueiró (1998), houve no país um aumento do interesse pela discussão sobre educação sexual.

Assim, na década de 1960, alguns anos antes e durante o início do regime ditatorial na segunda metade dessa década, algumas experiências de Educação Sexual começaram a ser desenvolvidos na rede de ensino público, no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte e em São Paulo. Em São Paulo, tais iniciativas surgem em escolas que propunham uma renovação pedagógica: o Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), os Ginásios Vocacionais, o grupo Experimental Dr. Edmundo de Carvalho e os Ginásios Pluricurriculares Experimentais (GEPEs) (Figueiró, 1998; Ribeiro, 2004; Ribeiro, 2013; Rosemberg, 1985).

Entre 1961 e 1969 foi realizada uma experiência de Educação Sexual nos Colégios Vocacionais do Estado de São Paulo, relatada por Pimentel e Sigrist (1971, citados por Figueiró, 1998). As atividades ocorriam em forma de Orientação em grupo, atendimento individual ao aluno, trabalho com os pais e realização de seminários de estudos para os profissionais envolvidos. Esta intervenção era integrada ao currículo como um todo e fazia parte da programação das seguintes disciplinas: Estudos Sociais, Português, Ciências, Educação Física, Educação Musical, Educação Doméstica, Artes Plásticas e Artes Industriais (Figueiró, 1998).

Figueiró (1998) relata uma experiência realizada por Maria José Werebe, entre 1963 e 1968, no Colégio de Aplicação, em São Paulo, experiência contada no livro *A educação Sexual na Escola* (Werebe, 1977). Tratou-se de uma intervenção realizada com grupos mistos – meninos e meninas – dentro do horário escolar regular, em quatro ciclos com alunos da primeira série ginasial e em 2 ciclos com alunos da segunda série ginasial. Cada ciclo era composto por uma média de nove encontros, sendo que os quatro primeiros eram voltados à discussão de informações biológicas, dados por um professor de Ciências, os demais sob a responsabilidade de um “orientador”, que coordenava as discussões.

Os assuntos discutidos surgiam dos interesses dos próprios alunos e de sugestões da orientadora educacional, com o cuidado de, além de transmitir informações, produzir um ambiente que fosse favorável à livre expressão de dúvidas a respeito da vida sexual. O projeto contava também com atendimento individual (além do trabalho grupal na orientação em grupo), um trabalho realizado com os pais e a capacitação continuada com os profissionais. Entre as conclusões do projeto destacam-se os seguintes ensinamentos: 1- parte do sucesso foi determinado pelo interesse prévio dos alunos pelas questões trabalhadas; 2- a educação sexual em grupo e individual completaram-se satisfatoriamente; 3- programas desenvolvidos com os pais foram importantes para que eles compreendessem o trabalho realizado com os alunos, “aceitassem” a sexualidade dos filhos e se sentissem encorajados a falar sobre o tema com os jovens; 4- as discussões em grupo possibilitaram o que a autora chamou de “liberação da palavra” (Werebe, 1977). A experiência teve fim em decorrência de uma crise política ocorrida na escola no ano de 1967 (Figueiró, 1998).

Também a experiência do Grupo Experimental Dr. Edmundo de Carvalho associava o projeto aplicado com os alunos com um trabalho com os pais. Tratava-se, em parte, de integrar os pais ao processo para fortalecer as iniciativas, o que aumentava a segurança dos professores diante de um contexto político de controle atento por parte do Estado sobre suas práticas (Rosemberg, 1985).

Ainda de acordo com Ribeiro (2004), foram implantados programas de educação sexual no Grupo Escolar Barão do Rio Branco (Belo Horizonte – 1963), no Colégio Pedro Alcântara, Infante Dom Henrique, Orlando Rouças, André Maurois e José Bonifácio (Rio de Janeiro – o primeiro em 1964 e os demais em 1968) e no Ginásio Estadual Pluricurricular Experimental (São Paulo – 1966).

A partir do final da década de 1960 acontecimentos políticos de grande expressividade atingiram de forma negativa o processo de implantação e condução de projetos de Educação

Sexual no país, como será explicitado a seguir (Figueiró, 1998; Ribeiro, 2004; Ribeiro, 2013; Rosemberg, 1985; Silva, 2002). Segundo Ribeiro (2004), o regime militar imposto pelo Golpe de Estado de 1964 produziu um contexto de redução das liberdades individuais e manifestações da sexualidade, incluindo a restrição da liberdade do debate sobre esse tema. Segundo Ribeiro e (Figueiró, 1998), isso causou um retrocesso na educação sexual realizada na época, com o fechamento de escolas e denúncias de professores que se atreviam a continuar com projetos nessa área, em regime de semiclandestinidadade.

Foi nesse contexto político em que imperava uma política de planejamento familiar pró-natalista, existente no interior de um clima mais amplo de puritanismo, autoritarismo e repressão política que, em 1965, o Secretário de Educação do Estado de São Paulo, Ataliba Nogueira, proibiu professores da rede pública de transmitir informações sobre meios anticoncepcionais e controle de natalidade (Figueiró, 1998).

Em 1968, a deputada Júlia Steinbruch (MDB-RJ) apresentou à câmara um projeto de lei que propunha a inclusão obrigatória da Educação Sexual nos currículos de 1º e 2º graus. Em 1970, após tramitações burocráticas e recebimento de um parecer favorável do deputado Murilo Badaró (ARENA – MG) e de um contrário, do deputado Rubem Nogueira (ARENA – BA), o projeto foi enviado pelo Ministério da Educação para a Comissão Nacional de Moral e Civismo, onde encontrou entraves: o projeto recebeu pareceres contrários dos três conselheiros consultados: o Padre Francisco Leme Lopes, o Almirante Benjamim Sodré e o General Moacir Araújo Lopes (Bedin, 2016; Figueiró, 1998; Ribeiro, 2004; Ribeiro, 2013; Rosemberg, 1985).

Os pareceres foram unânimes em tratar o debate sobre a sexualidade nas escolas como um risco à “pureza” e à “inocência”, além de associá-la ao divino e advogar a favor da reprodução de padrões de gênero. De acordo com o parecer do conselheiro Almirante Benjamim Sodré:

(...) Não ensinar materialmente como a procriação procede para o homem e para a mulher, mas antes exaltar o que caracteriza o sexo masculino, caráter, coragem, responsabilidade, força, proteção, respeito e amor, que, sem egoísmo, mais dá do que recebe; e o sexo feminino: a delicadeza, a bondade, a pureza, a confiança, indo até a doação, ao casamento, à maternidade. (O Estado de São Paulo, 20/11/1970, citado por Rosemberg, 1985, p. 14).

Tais pareceres foram largamente divulgados pela imprensa da época, constituindo-se como uma posição oficialmente contrária às discussões sobre sexualidade no território nacional. De acordo com Rosemberg (1985), ainda que não existisse uma lei oficial que proibisse experiências de programas de Educação Sexual nas escolas, o veto ao projeto de Júlia Steinbruch e os pareceres emitidos funcionaram como um freio às poucas experiências que estavam ocorrendo, desencorajando os profissionais envolvidos, que temiam por represálias, como também aponta Figueiró (1998).

Com o Decreto do Ato Institucional nº5, em 13 de dezembro de 1969, houve um recrudescimento e formalização do período de exceção política de então. O Ministério da Justiça foi encarregado de censurar “todo texto contrário à moral e aos bons costumes” (Rosemberg, 1985, p. 13). A sexualidade, ainda associada à “subversão”, passa então a figurar como uma questão polêmica e alvo de repressão e de investigações, especialmente quando vinculada à educação de crianças e adolescentes.

As escolas e seus educadores eram estritamente vigiados pelo Estado. Um exemplo disto foi o ocorrido em um colégio particular (cujo nome não é revelado nas referências consultadas) em 1972, onde a leitura do livro *O caneco de prata* motivou a reclamação de um

pai, ex-militar, o que desencadeou um longo processo de investigação, interrogatórios e depoimentos, que culminou na demissão de professores (Rosemberg, 1985).

Tal processo é representativo do ideal autoritário e moralista que atravessava o sistema educacional brasileiro durante o período do regime militar. Para além das ações de militares e religiosos, Rosemberg (1985) argumenta que a repressão foi incorporada pelos setores do próprio universo educacional em seu funcionamento habitual.

A posição brasileira oficial, formalizada pela conselheira Edília Coelho Garcia, em 1976, situa a educação sexual como concernente à família e não prioritária no campo da educação pública. Ainda assim, como aponta Werebe (1978, citada por Rosemberg, 1985), alguns programas se desenvolveram durante a década de 1970.

Como apontam Pinheiro (1997) e Silva (2002), mesmo no contexto da ditadura militar, com a instituição da Lei de Diretrizes e Bases para o ensino do 1º e 2º graus – Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971 – foi criada a disciplina Programa de Saúde, fundamentada pelo Parecer nº 2.264. Tal parecer orienta a inclusão da Educação Sexual no 2º grau e possibilita a produção de materiais com conteúdos sobre saúde e educação sexual. No entanto, questiona-se sobre o teor desses materiais, já que as Diretrizes orientavam a discussão sobre “desvios dos padrões de normalidade”, além do fato de que a área da saúde apontava para a restrição das publicações a aspectos biologicistas da educação sexual.

Em 1977, a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo elaborara um projeto experimental de Educação Sexual, o qual foi aplicado a partir de 1978 em três escolas (Rosemberg, 1985). Contudo, a autora destaca o silêncio que se fez em torno desse projeto, que foi mantido em sigilo durante um tempo.

Rosemberg (1985) também discorre sobre as consequências do contexto político pós-Golpe de Estado nos estudos sobre Educação Sexual. Segundo a autora, eram vários os fatores que justificavam a carência de estudos sobre Educação Sexual no contexto brasileiro,

a censura, característica do momento político da época, que incorreu no desaparecimento de relatórios sobre as experiências realizadas; a não priorização do tema dentro do contexto geral de insuficiências educacionais do país; o padrão acadêmico da época, que não aceitava relatos de experiência – no caso, relatos de experiências de programas de educação sexual em escolas. Foi apenas a partir de 1978, marco do processo de abertura política e consequente afrouxamento da censura, que estudos sobre o tema começaram a surgir.

Com a abertura política no ano de 1978, retoma-se oficialmente a Educação Sexual nas escolas, pioneiramente pela Prefeitura Municipal de São Paulo (1978 a 1982) e Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (1980 a 1986). Ribeiro (2004) situa as intervenções na esfera da Educação Sexual após a abertura política como o *quinto momento da educação sexual no Brasil*, em que órgãos públicos assumem projetos nas escolas (e não mais professores, como ocorreu na década de 1960).

Em 1978, o debate público sobre a Educação Sexual ressurge. Neste ano, no contexto de recentes indícios sobre um afrouxamento da ditadura militar, ocorre o I Congresso sobre Educação Sexual nas Escolas. Este primeiro congresso e os subsequentes abrem espaço para o debate público sobre a Educação Sexual nas escolas, que ganha destaque na mídia, atendendo a uma crescente demanda da população de falar e ouvir sobre sexualidade (Rosemberg, 1985).

Nessa época, no final da década de 1970, a liberação sexual trazia mudanças de comportamento e questionamentos sobre tabus, preconceitos e posturas conservadoras. O sexo aparecia nos filmes e nos *sex shops*. As mulheres conquistaram maior espaço no mercado de trabalho e maior possibilidade de liberdade sexual com a difusão da pílula anticoncepcional (Pinheiro, 1997). Segundo Ribeiro (2013), com a abertura política e o abrandamento da censura, o interesse pela educação sexual ressurge “motivado pelos movimentos feministas, pelos movimentos de controle populacional, pela mudança no

comportamento sexual do jovem, principalmente devido à pílula como método anticoncepcional, e também pelo avanço da medicina no controle das doenças sexualmente transmissíveis”, (Ribeiro, 2013, p. 12).

De acordo com Pinheiro (1997) um dos acontecimentos da época da abertura política que contribuiu para o retorno do debate público sobre a sexualidade diz respeito à Lei de Anistia, promulgada em 1979. Ex-líderes e integrantes de grupos políticos retornaram ao país trazendo questões que até então não eram consideradas relevantes, referentes ao meio ambiente, às minorias e à sexualidade. Começaram a figurar em discussões temas como o negro no Brasil, a emancipação das mulheres e questões relacionadas ao corpo.

É diante dessa demanda sobre questões relacionadas à sexualidade que surgem experiências nos meios de comunicação de massa, como programas de rádio e de televisão que têm início em 1979 e 1980, comandados por mulheres (Rosemberg, 1985). Entre o final da década de 1970 e início da década de 1980, foram duas mulheres que se destacaram no campo da Educação Sexual e da Sexologia no país: Maria Helena Matarazzo e Marta Suplicy, ambas com formação específica na área da sexualidade. Maria Helena Matarazzo trabalhou em um programa de rádio diário sobre educação sexual na Rádio Globo e em dois serviços de orientação sexual por telefone. Marta Suplicy falava abertamente sobre sexualidade em um programa da Rede Globo, o TV Mulher (Bedin, 2016; Ribeiro, 2004; Russo et al., 2011).

Pinheiro (1997) comenta que apesar do clima de “liberdade” sexual, os jovens da década de 1980 sentiam-se perdidos no conflito entre a recente liberação e a postura social conservadora em que viviam até então. Com o advento da AIDS, a sociedade é convocada a voltar a pensar na sexualidade como uma questão social e sobre a necessidade de uma educação voltada a esse tema (Pinheiro, 1997; Silva, 2002).

Em 1980, foi desenvolvido um projeto pela Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP) com o Departamento de Educação da Faculdade de Saúde Pública da

USP. O projeto foi composto por duas partes: 1- estudos preliminares nas escolas da rede estadual de ensino; 2- experiências piloto em seis escolas da capital, com o treinamento de professores e orientadores educacionais para a inserção de um programa de Educação Sexual na grade curricular, nas disciplinas de Ciências e Programas de Saúde. Outro projeto foi o denominado *Programas de saúde: aspectos do crescimento e desenvolvimento humanos relativos à sexualidade*, em seis escolas públicas da capital paulista, com sua primeira etapa em 1980.

Também em 1980, uma roda de debate com as participantes Marilena Chauí, Maria Rita Kehl e Maria José Werebe põe justamente essa questão em pauta. Com o título *Educação Sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão?* a mesa objetivou problematizar a Educação Sexual ao analisar a quais interesses ela serviria de fato e quais suas possibilidades de realizar uma emancipação efetiva em alguns setores da população.

Cabe perguntar, neste momento, para *que*, ou para *quem* servirá a educação sexual. (...) A educação sexual pode, por exemplo, limitar-se a transmitir unicamente informações de caráter biológico, como a anatomia e a fisiologia do aparelho reprodutor; pode também se restringir a uma abordagem meramente “preventiva” (...) pode ainda ser o veículo apregoador de atitudes repressivas em relação ao sexo (...) Mais importante, porém, é que a educação sexual poderá vir a ser invocada como um veículo que poderá inculcar nos jovens atitudes e conhecimentos que os levariam a um comportamento reprodutivo adequado à política demográfica, que parece estar prestes a ser implantada pelo Governo (Chauí, Kehl, & Werebe, 1991, p. 100, grifos da autora).

Assim, é levantada pela mesa de debate a questão sobre os reais motivos pelos quais a Educação Sexual estaria novamente em pauta, justamente em um momento de preocupação com o crescimento populacional.

Em relação ao campo do conhecimento sobre o tema na década de 1980, entre 1980 e 1982 são realizados diversos eventos que abordam a sexualidade. O debate também ganha expressividade em produções literárias, possibilitadas pelo abrandamento da censura. No entanto, a liberdade da discussão não era homogênea e ainda suscitou, no início da década de 1980, protestos e ameaças (Pinheiro, 1997).

Em relação às instituições criadas, em 1980 foi fundada a Associação Brasileira de Educação Sexual (Edusex), por Haruo Okawara (ginecologista), Gilda Fucs (psiquiatra), Leon Francisco Lobo (pediatra) e Maria Helena Matarazzo (socióloga). Também em 1980 ocorreu a fundação oficial do CESEX – Centro de Sexologia de Brasília, que utilizava técnicas de Masters e Johnson e ofereceu-se o primeiro curso de sexologia do país (Bedin, 2016; Silva, 2002).

Com início em 1984 e término apenas em 1998, deu-se o projeto de educação sexual de mais longa duração, na cidade de Campinas. Um *Grupo de Trabalho para Formação e Capacitação de Professores em Orientação Sexual* e o *Encontro Nacional de Adolescentes*, reuniam “adolescentes e professores de todo o Brasil que participavam de trabalhos semelhantes em suas cidades vinham relatar suas experiências” (Ribeiro, 2004, p. 22-23).

Também iniciado em 1984 e concluído em 1986, deu-se uma segunda etapa do *Programas de Saúde: aspectos do crescimento e desenvolvimento humanos relativos à sexualidade*, chamada de *Sexualidade humana: reflexões e proposta em ação*, que envolveu 11.208 alunos de 70 escolas. Em 1985, foi criado o CAESOS – *Centro Avançado de Educação para a Saúde e Orientação Sexual*, pela professora Sonia Maria Vilela Bueno.

Também em 1985 foi fundada a SBRASH – Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana (Bedin, 2016; Silva, 2002).

Entre 1989 e 1992 foi desenvolvido um novo projeto de Educação Sexual oficializado pela Rede Municipal de Ensino de São Paulo, coordenado por Marta Suplicy e seu grupo, criado em 1987: o Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS). O projeto atingiu 30.000 alunos e 1.105 professores (Figueiró, 1998; Ribeiro, 2004; Silva, 2002).

Já na década de 1990 são muitas as publicações, projetos, eventos e de grupos de estudos sobre sexualidade. De acordo com Bedin (2016), em 1990 foi criado o grupo de estudo *Sexualidade e Vida* pela professora Maria Alves de Toledo Bruns. No início dos anos 1990, a sexualidade é incluída em currículos de escolas municipais de diversos estados, como de São Paulo e do Rio Grande do Sul (Ribeiro, 2004; Ribeiro, 2013).

Ainda no início da década de 1990, Russo et al. (2011) e Ribeiro (2013) relembram o trabalho das Organizações-Não-governamentais (ONGs) na área da sexualidade por meio da atuação em escolas, capacitação de profissionais de educação e saúde, produção de materiais educativos (vídeos, manuais e guias) e prestação de serviços de assessoria e consultoria. Entre essas instituições estão o Instituto Kaplan, o Centro de Educação Sexual (Cedus), o Centro de Orientação e Educação Sexual (CORES), a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), o ECOS – Comunicação em Sexualidade e o já citado GTPOS.

Uma iniciativa importante relatada por Pinheiro (1997) diz respeito ao lançamento do *Guia de Orientação Sexual* (Barbirato et al., 1994), que foi testado em algumas regiões do Brasil, voltado ao público da pré-escola ao 2º grau. O Guia afirmava como necessários o planejamento e as intervenções sistemáticas, abrindo um canal permanente de comunicação sobre sexualidade com as crianças e adolescentes. O documento orientava, também, a supervisão dos profissionais e o envolvimento dos familiares.

Em 1996, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e o estabelecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a Orientação Sexual obteve reconhecimento oficial quanto à sua necessidade e importância. Trata-se do *sexto momento da educação sexual no Brasil*, que parece estar comprometido com o atendimento da necessidade de os alunos vivenciarem plenamente sua sexualidade (Ribeiro, 2004). Com a implantação dos PCN, a Orientação Sexual deveria ser trabalhada em todas as disciplinas, de forma transversal (Silva, 2002).

De acordo com Figueiró (1998), à oficialização dos PCN soma-se o forte impulso que os meios de comunicação, especialmente a TV, deram à questão da educação sexual na escola na década de 1990, com a apresentação de depoimentos de estudantes cujo interesse pelo tema era representativo da grande maioria dos educandos.

Pressupunha-se que as questões sexuais seriam dialogadas com maior liberdade, uma vez que os veículos midiáticos, como a televisão, investiram em informações de grande valia, como saúde pública, para a população. Segundo Margon, Santos e Alves (2012) p. 5 “a mídia teve um papel fundamental neste processo, pois democratizou o acesso a informações importantes como, por exemplo, os riscos gerados pelas doenças sexualmente transmissíveis, os tipos de contraceptivos mais eficazes, além de mostrar os avanços em prol da melhoria da vida sexual e reprodutiva do homem”. Observa-se que a mídia “fala” sobre sexualidade, as famílias ouvem, mas não conversam sobre isso, ou seja, a repressão ainda se faz presente.

Também em 1996, o projeto *Prevenção também se ensina: ação preventiva ao abuso de drogas/DST/AIDS* foi aplicado com crianças e adolescentes das escolas oficiais do Estado de São Paulo. O projeto objetivava a capacitação de profissionais da educação para a implantação de ações preventivas às DST e uso de drogas no espaço da escola.

Em 1997, foi criado o *GPESS – Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Sexualidade* (UNESP - Campus de Marília), por Hugues Costa de França Ribeiro. E em 2000, Paulo Rennes Marçal

Ribeiro criou o *NUSEX – Núcleo de Estudos da Sexualidade* (UNESP - Campus de Araraquara).

Findando os anos 90, iniciam-se no Brasil, as atividades com internet. Primeiramente ela foi liberada para centros de pesquisas e Universidades; alguns anos depois, a população mundial passou a usufruir desse recurso, passando para a rápida conexão.

Os benefícios que a internet proporciona para a humanidade são inúmeros, porém ao estreitar a relação com a sexualidade humana, percebe-se que muitas relações passaram a ser descartáveis. Os relacionamentos tornaram-se mais frios, o olho no olho deixou de existir para muitos, o jogo de paquera, conquista e sedução tornou-se coisa do passado.

Com o avanço da tecnologia, as salas de bate-papo deram espaço para os aplicativos de relacionamentos, os quais atualmente contam com um número significativo de seguidores; porém o que não avançou muito foi a maneira de se relacionar. Esses recursos tecnológicos proporcionam com muita facilidade e agilidade encontros e sexo casual, mas a geração que desfruta dos recursos não provém de uma educação sexual emancipatória, livre e libertadora; muitos transferem a carência afetiva e a fragilidade emocional para relacionamentos vazios e se frustram.

Visando uma educação sexual emancipatória, é preciso que as escolas oportunizem momentos de diálogos e se envolvam em projetos, nos quais os próprios gestores possam se mobilizar e ver a relevância e importância que o tema apresenta na vida das pessoas.

3. A SEXUALIDADE HUMANA NO CONTEXTO EDUCATIVO

A sexualidade é um campo do saber, que pode entrelaçar as diversas áreas do conhecimento, como as ciências exatas e da terra, ciências biológicas, engenharias, ciências da saúde, ciências sociais aplicadas, ciências humanas, linguística, letras e artes, entre outras, e se ramificar nos múltiplos olhares dos indivíduos; olhares que variam de acordo com a formação profissional de cada um. A sexualidade está presente em todas as fases da vida dos seres humanos (Maia & Ribeiro, 2011) e influencia as manifestações humanas, desde o nascimento até a morte (Vitello, 1997). Para Bruns, Grassi e França (1995), a sexualidade transcende o ato sexual para relacionar-se e confundir-se com a história pessoal de cada ser humano. Leão (2009) considera que a sexualidade extrapola o componente biológico e abarca outras dimensões que englobam questões como homossexualidade, prostituição, violência sexual, relações de gênero, entre outros. As dimensões que compõem a sexualidade humana além da biológica são: sociológica, psicológica, educativa e ético-religiosa.

A dimensão biológica engloba a anatomia humana, reprodução, fecundação, nascimento, a resposta fisiológica sexual, a libido, ou seja, o corpo. Esses fatores estão em pauta nas escolas, pois são encontrados em livros de Ciências e Biologia, disciplina que compõe a grade curricular. O ensino-aprendizagem voltado ao corpo, à superficialidade do olhar e a falta de conhecimento pedagógico em sexualidade, contribuem para que muitos docentes restrinjam-na a dimensão biológica, higienista e preventiva, que são importantes, porém não são as únicas. Tal fato se torna compreensivo quando Bruns et al (1995) dizem que

nosso corpo simboliza a nossa existência porque a realiza e é sua atualidade. É por isto que quando falamos de sexualidade, remetemo-nos ao corpo [...] não podemos

subtrair ao corpo a atividade que manifesta a sua dinâmica, portanto, o que sente, deseja e busca satisfazer (p. 63).

A sexualidade humana não se reduz somente com a determinação biológica, ela também é determinada culturalmente (Figueiró, 2014). É construída socialmente pelo cotidiano e pela influência da cultura local. Segundo Louro (2000, p. 11), “a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política; [...] a sexualidade é ‘aprendida’, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos”. Aratany (1998) afirma que sexualidade se aprende sempre, em todo lugar, sendo que na escola ela está presente nas conversas de corredor, na ansiedade da sala dos professores, nos grafites dos banheiros. Leão e Ribeiro (2008) salientam que os professores precisam de oportunidades para se preparar frente a questões ligadas à sexualidade, uma vez que se evitava abordar essa temática até então. E tal preparo que fornece os meios para a implementação da orientação sexual na escola e garante ao aluno o benefício da orientação⁸.

Vitiello (1997) explica que “Educar no sentido mais amplo, significa ‘formar’, não na acepção de que o educando seja uma cópia do educador, mas sim na de que o educador dá ao educando condições e meios para que cresça interiormente”. Com o intuito de facilitar a aprendizagem é necessário que o educador modifique sua metodologia propiciando condições para que o educando seja protagonista de seu próprio aprendizado; isso é possível por meio de debates e discussões de temas próximos da sua realidade. O professor, ao conduzir essa vivência, deixa de ser o transmissor de conteúdos para ser o construtor do conhecimento.

A educação sexual, assim como a sexualidade, tem início na infância. Egypto (2011, p.6), afirma que o bebê quando se movimenta descobre coisas gostosas e repete os movimentos, ou seja, ele está descobrindo, mesmo sem consciência, que tem um corpo que

dá prazer. Muitos pais/responsáveis quando percebem crianças manipulando os órgãos genitais impõem de maneira autoritária que tirem as mãos deles. Essa ação, embora não adequada, é uma forma de educação sexual.

Algumas famílias, às vezes de maneira inconsciente, educam transmitindo seus valores morais e vivências em torno do sexo, ou seja, “de forma explícita ou implícita, são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças assumam”, (PCNs, 2001 p.121).

A educação sexual formal tem objetivos a serem alcançados, é realizada dentro de espaços institucionais e é conduzida por alguém que tem conhecimento e esclarecimento sobre o assunto.

Freitas & Chagas (2013) dizem que

tudo o que é ensinado/transmitido às crianças e aos jovens sobre o que “pode” e o que “não pode”, o “certo” e o “errado”, o que “deve” e o que “não deve” ser falado, pensado ou vivido em relação ao sexo, a percepção do corpo e dos papéis de gênero, é o que entendemos ser um trabalho de educação sexual (p.126).

Quando o Ministério da Educação e Cultura – MEC apresentou a proposta de Orientação Sexual nas escolas, Santos & Bruns (2000) salientaram que a nova proposta passaria a compor os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, como eixo transversal. Segundo os PCN, a instituição da Orientação Sexual permite problematizar, se questionar e ampliar o leque de conhecimento e de opções para que o aluno consiga fazer as melhores escolhas para o seu caminho. As atividades desenvolvidas pelos professores devem propiciar ao aluno autonomia para encontrar seus próprios valores e conduta.

⁸ Embora a palavra orientação sexual seja empregada pelos PCN, a autora da dissertação optou por usar o termo

Com a transversalização da orientação sexual no currículo, todos os professores podem explorar temas que envolvam a sexualidade, pois dentro dessa área não existe nenhuma legislação que restrinja o conteúdo a certo grupo ou disciplina específica. Contudo, os PCN (2001 p.123) indicam a postura desejável que os educadores devem apresentar ao abordar a sexualidade.

- reconhecer como verdadeiro e natural a busca do prazer e a curiosidade das crianças e adolescentes acerca da sexualidade;
- colocar-se em contato com conhecimentos científicos que auxiliem sua formação específica, visando a construção de uma postura profissional consciente perante a sexualidade;
- discernir e conscientizar-se de seus valores, crenças e opiniões para não transmiti-los aos alunos;
- estabelecer uma relação de confiança entre alunos e professor;
- garantir o respeito à opinião e a participação de cada aluno.

A postura desejada deve estar atrelada à ética, à escuta ativa. De acordo com Bruns & Santos (2000, p. 35), teme-se que a “orientação sexual seja implantada sem o planejamento e a competência necessária”. Em meio a isso, Ribeiro (1990) salienta:

A orientação sexual inserida na escola sem uma preocupação com a problemática geral da instituição educacional, sem a adequada preparação da comunidade escolar para receber em seu meio uma nova abordagem em educação que foge do conteúdo tradicional, e sem profissionais com formação específica para trabalhar nas escolas,

será, no máximo, informação sexual, a pura e simples reprodução de definições e conceitos que deveriam ser dados nas aulas de biologia (p. 31)

É notório que, a partir da promulgação dos PCN houve um espaço para abordar a sexualidade nas escolas; entretanto, a ausência de formação específica de profissionais limita o trabalho. Dessa forma em meio à demanda da sexualidade nas escolas, muitos gestores recorrem a profissionais da Saúde, os quais geralmente não apresentam formação em sexualidade, delimitando a intervenção na dimensão biológica.

Dentro do ambiente escolar, seria pertinente e produtivo abordar a sexualidade por meio de oficinas. Esta modalidade apresenta um jeito peculiar e característico de envolver as crianças e os adolescentes, atingindo com mais facilidade o objetivo proposto.

O profissional disposto a trabalhar com oficinas em educação sexual precisa despir-se de seus preconceitos, livrar-se de tabus, estar de bem consigo próprio, e com sua sexualidade e abdicar-se da visão limítrofe sobre sexualidade imposta pela sociedade.

4. A VISÃO DE SEXUALIDADE DO PAPO JOVEM

O Papo Jovem acredita que quando os seres humanos estão em sintonia e em paz com sua própria sexualidade, uma vez que ela é indissociável do homem, o fluxo da vida torna-se leve. Zacharias (2010) diz que o sexo pertence à pessoa e da pessoa recebe valor e significado. O sexo é o ato que propaga e contribui com a perpetuação da espécie; portanto, faz-se necessário, desde a infância, oferecer condições para que crianças e adolescentes aprendam com naturalidade, sem repressão, mitos e estigmas, a importância da sexualidade em suas vidas.

A sexualidade em si, quando mal integrada pode reverter o sentido da vida das pessoas e alterar os planos de vida. Segundo Zacharias (2010), a sexualidade é mais que uma tarefa, uma etapa da vida: é um projeto de atuação livre e responsável que se prolonga no tempo. Assim a sexualidade deve ser integrada na totalidade da pessoa e se converte em expressão consciente e autêntica do que ela é.

O Papo Jovem acredita que, através do diálogo, proporcionará aos participantes o empoderamento, a consciência, o livre arbítrio, o bem estar e a prevenção. Os alunos integrantes do Projeto apresentam capacidade de exercer sua sexualidade com consciência, segurança e prazer. Eles são capazes de ver a sua própria sexualidade com um olhar multifocal e interagir com ela de maneira dinâmica, pois desde o início do trabalho, são oferecidas condições de ensino-aprendizagem que favoreçam a intimidade, o respeito e o amor para consigo próprio e para com os outros.

5. HISTÓRIA DO PAPO JOVEM

O homem é do tamanho do seu sonho.
(Fernando Pessoa).

O sonho elucida na mente dos homens e das mulheres ideias que podem transformar suas vidas e, conseqüentemente, a vida das pessoas ao seu redor. O sonho de elaborar e disseminar um projeto que dialogasse com adolescentes sobre sexo e sexualidade sempre esteve presente nos pensamentos da professora de Ciências Biológicas, Rita Cássia Pereira Bueno. A adolescência, fase da vida que propiciou a ela o direito de ser mãe, munuiu-a de experiência, ânimo e energia para transformar seu sonho em realidade.

A história a ser relatada nesse capítulo faz referência à criação do Papo Jovem, um Projeto de Educação em Sexualidade oferecido para alunos de um colégio particular do interior do Estado de São Paulo. Os participantes apresentam faixa etária entre nove e dezessete anos de idade. O Projeto é perene e está inserido na grade curricular e no Projeto Político Pedagógico do Colégio.

O Colégio Integrado, escola na qual o Papo Jovem está inserido, é uma escola de porte médio, conta com aproximadamente quinhentos alunos, com faixa etária de quatro meses (berçário) até dezessete anos (terceira série do Ensino Médio), aproximadamente. Tem como público famílias de classe média e alta. Apresenta uma equipe com cerca de sessenta professores e funcionários, se por um lado, muitos se encantaram com a proposta de trabalho com sexualidade na escola, outros ficaram surpresos, pois inicialmente, até posterior explicação, fizeram uma leitura pejorativa do trabalho.

A educação sexual nas escolas geralmente não tem muito espaço, além de ser desprovida de mérito. Projetos perenes e integrados ao PPP são mais difíceis ainda de ser

encontrados nas escolas do Brasil. Os motivos para tal variam, destacando-se o preconceito e a malícia dos adultos diante do tema.

Geralmente, as atividades encontradas estão voltadas para intervenções pontuais, como datas comemorativas, como o dia 8 de março – Dia Internacional da Mulher, ou o dia 1º de dezembro – Dia Mundial da Luta contra a AIDS, e/ou por fatos decorrentes na sociedade que são comentados na escola.

Contrapondo esse cenário, desde 2011, ano em que foi criado o Papo Jovem, muitas atividades educativas em sexualidade foram desenvolvidas no Colégio Integrado. Diversas intervenções na sociedade em benefício aos adolescentes também foram feitas; muitos jovens foram capacitados e os resultados foram apresentados em alguns congressos.

Algumas atividades desenvolvidas no Projeto, fotografias referente às atividades, desenhos, logotipo, imagens e poemas de alunos, ilustram o conteúdo descrito e permitem maior visibilidade da história do Projeto.

Em agosto de 2010, a professora Rita Bueno, em uma entrevista de emprego com a coordenadora pedagógica do Colégio, para a vaga de professora de Biologia, aproveitou a oportunidade e apresentou seu Projeto de Educação em Sexualidade, explicando os benefícios que o Projeto traria aos alunos e, conseqüentemente, ao próprio Colégio. Em um primeiro momento o projeto de educação sexual não foi acatado, ocorrendo somente a contratação do serviço de professora de Biologia. Vale apontar que a coordenadora pedagógica também é professora de Ciências; talvez por ter um olhar diferenciado para a temática, sugeriu que o projeto ficasse em *standby*, podendo ser aplicado eventualmente nos momentos em que houvesse necessidade de substituir algum professor.

Foi o que aconteceu: o projeto foi oferecido na modalidade de substituição para os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II – oitavo e nono anos – e para os alunos da terceira série do Ensino Médio. A execução do trabalho em questão era uma novidade no

Colégio e, por ser um tema tabu acessível aos adolescentes, despertou neles empolgação, satisfação, curiosidade e desejo de ter mais encontros.

A oportunidade de desfrutar de mais encontros/atividades em Educação sexual ocorreu devido a um evento que acontece anualmente no Colégio, a Feira de Ciências, denominada “Expo Integrado”. Para a Feira de Ciências, os professores constroem, no decorrer do ano, atividades/projetos com os alunos, e, em um determinado dia letivo, geralmente no segundo semestre, o Colégio abre suas portas para os pais e a comunidade em geral para exibição e apreciação dos trabalhos elaborados.

No ano de 2011, o tema sugerido pela UNESCO e adotado pela escola foi o Ano Internacional da Química. O tema sugerido oportunizou uma gama de opções para desenvolver trabalhos em diversas áreas do conhecimento. Visando unir a educação sexual, ao tema, surgiu a “Química do Amor”.

Em uma determinada aula de Biologia, a professora expôs o tema escolhido para os alunos da primeira e segunda série do Ensino Médio, para que juntos construíssem um esboço do que apresentariam na Feira. O tema apresentado suscitou alegria e euforia nos alunos, e, em seguida, uma tempestade de ideias surgiu, elegendo entre todas, como produto final para a primeira série do Ensino Médio, uma sala temática com oficinas explanando a química do amor e, para os alunos da segunda série do Ensino Médio, um filme com enredo sobre gravidez na adolescência.

Com os objetivos traçados, os alunos iniciaram a elaboração do plano de ação. O plano de ação da segunda série consistiu em organizar e dividir as tarefas, preparar o dia da Feira, divulgar o evento, pesquisar mais sobre os temas propostos, editar o vídeo, mobilizar e agendar os espaços públicos envolvidos na construção do filme. Todas as etapas da elaboração dos Projetos foram supervisionadas pela professora Rita Bueno.

Timidamente, mas de maneira lúdica, dinâmica, respeitosa, íntegra e séria, a educação sexual começou a se aproximar do referido grupo de adolescentes. Entretanto, com o intuito de aprofundar as discussões sobre sexualidade e prepará-los para a Feira, uma atividade extra, “Bate-papo sobre sexualidade”, foi realizada no contraturno com os alunos das três séries do Ensino Médio. Através dessa atividade, foi possível contextualizar, esclarecer dúvidas e integrá-los um pouco mais à sexualidade humana. Para o esclarecimento de dúvidas, a professora adotou a dinâmica da caixa de perguntas.

A dinâmica consiste em deixar uma caixa lacrada por alguns dias, em um ambiente de fácil acesso aos alunos – nesse caso, foi a sala de aula – assim, eles escrevem suas dúvidas e perguntas anonimamente e as depositam na caixa, para que, em seguida, o responsável a retire do local, faça a leitura, interpretação e inicie o bate-papo.

Com a dinâmica da caixa de perguntas, foi possível abordar questões sobre relacionamentos, gênero, violência sexual, gravidez indesejada, doenças, heteronormatividade, homoafetividade, entre outros. Após o bate-papo, com os alunos providos de informações e com um pouco mais de conhecimento em sexualidade, foi possível literalmente, começar a produção dos materiais para a Feira.

Dia após dia era possível observar a empolgação dos alunos no desenvolvimento das atividades e o trabalho ia ganhando, a cada dia, mais visibilidade dentro da comunidade escolar, do seio familiar e também dentro de ambientes públicos da cidade, como o Hospital Municipal de Jaguariúna, o Parque dos Lagos e o Parque Luis Barbosa, locais usados para a gravação do filme.

Após incansáveis orientações e árduo trabalho, no dia 04 de novembro de 2011, os portões do Colégio Integrado de Jaguariúna se abriram para receber os familiares dos alunos e a comunidade.

O público visitante teve a oportunidade de conhecer e apreciar os diversos trabalhos elaborados pelos alunos do Colégio, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Os visitantes, ao transitarem pelos corredores do Colégio, depararam-se com uma sala que estava ornamentada de maneira ímpar. Os alunos da primeira série do Ensino Médio reproduziram uma macro camisinha feminina, como porta de entrada para a sala da “Química do Amor”. As atividades nessa sala tiveram como objetivo colocar o visitante em contato com as múltiplas formas existentes de se amar e do amor, bem como o turbilhão de reações químicas que essa conexão estabelece, além da resposta produzida no corpo do ser humano. O preservativo feminino teve por objetivo representar a autonomia que ele proporciona à mulher, simbolizando uma forma de amor próprio. Estiveram visitando essa sala alunos do Ensino Fundamental II (anos finais- oitavo e nono anos) e alunos do Ensino Médio do próprio colégio e alunos de escolas visitantes.

O modelo do preservativo feminino tinha cerca de quatro metros de comprimento, era branco, limpo e liso. Essas características fizeram referência à proteção que a mulher adquire usando o preservativo de maneira correta. Na extremidade final do modelo do preservativo, um grupo de alunos recepcionava os visitantes, explicando a importância do uso e dos benefícios que o *condom* proporciona. Outro grupo de adolescentes ensinava como colocar os preservativos feminino e masculino corretamente. Antes de caminharem para a próxima dinâmica, os alunos convidavam os visitantes a participar de uma dinâmica simples com o “Camisã da Semana Educativa”.⁹ Nessa dinâmica, os alunos solicitavam que o visitante, que acabara de receber orientações de como colocar a camisinha corretamente com o modelo tradicional, o fizesse novamente com o modelo “camisã”. A foto número 2, retrata a entrada dos alunos pelo preservativo feminino na sala da Química do Amor.

⁹ Modelo de camisinha masculina em tecido, didaticamente colocada em seres humanos.



Foto 2 – Alunos do colégio e visitantes adentrando o modelo de preservativo feminino (Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Em seqüência, os visitantes eram convidados a sentar-se nas cadeiras reservadas da sala, para prosseguirem com a dinâmica. O principal objetivo dessa atividade era colocar o público em contato com o significado e a importância do amor. Nesse momento, o amor e o amar entravam em discussão. A base bibliográfica para a confecção deste trabalho foi da autora Ana Lúcia Nogueira Braz – O significado e a importância do amor, um estudo fenomenológico. São Paulo: 2007, Novo autor editora.

A imagem nº 3 registra o momento em que a professora e condutora da dinâmica solicita aos participantes que fechem seus olhos e se deixem envolver pelas músicas (Nando Reis – Por onde andei; Jota Quest – Amor maior e Mais uma vez; Pitty – Equalize, entre outras) tocadas na sala.

Após o momento de sensibilização iniciaram-se as apresentações sobre as formas de amar.



Foto 3 – Professora Rita Bueno conduzindo a dinâmica do amor
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

No entardecer do referido dia, o filme produzido pelos alunos da segunda série do Ensino Médio, intitulado “Adolescência em risco”, seria estreado no pátio do Colégio.

A autora do filme e aluna do colégio, Rayara Santana de Lima, achou pertinente colocar em pauta assuntos próximos da adolescência e dos adolescentes, como “baladas”, bebidas, drogas, relações sexuais, carros e alta velocidade. A autora não deixou de citar as consequências das ações e das atitudes imprudentes, como a gravidez indesejada.

Outros dois alunos, Alexandre Galana e Vitor Seben, assumiram o papel de diretor e co-diretor do filme; eles também foram os responsáveis por gravar as cenas, estudar e executar o processo de edição.

O filme tornou-se público. O acesso ao filme completo esta disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z0D96rnW5OI&t=432s>. O trailer do filme, também disponível, sendo encontrado em: https://www.youtube.com/watch?v=xjBh_BcIKN0&t=1s

Na foto número 4 é possível observar uma parte da equipe participante do filme. A imagem foi registrada após a estreia do filme.



Foto 4 - Elenco do filme *Adolescência em risco*, acompanhado das professoras Rita Bueno, Suzete Caminada e Sue Ellen Cruz
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

A exibição do filme no Colégio contribuiu para que o resultado da Feira de Ciências fosse extremamente positivo. Após o evento, os pais não mediram palavras para elogiar seus filhos, a professora e o Colégio.

Os eventos citados contribuíram para que a educação sexual começasse a ganhar espaço no Colégio. Muitos dos envolvidos conseguiram desvencilhar-se dos seus preconceitos e deram oportunidade para conhecer o lado construtivo, integrativo, educativo e emancipatório do trabalho em educação sexual.

Findada a Feira de Ciências, a equipe gestora e a professora Rita Bueno, planejaram iniciar no ano seguinte o Projeto de Sexualidade na modalidade extracurricular, acordando que seria oferecida uma aula de educação sexual para os alunos do Ensino Médio e duas aulas para os alunos do Ensino Fundamental II, sendo que seriam aplicadas no período fora do de aula e a adesão ao Projeto seria optativa.

De acordo com a disponibilidade de horário da professora, as aulas do Ensino Fundamental II foram quinzenais, intercalando, em uma semana, sexto e sétimo ano e, na outra, oitavo e nono, das 14h às 15h30 e das 15h40 às 17h10, respectivamente.

No ano de 2012, iniciaram-se as aulas do Projeto em Educação Sexual, mas antes os gestores e a professora optaram por fazer uma reunião com os pais e responsáveis para apresentar a formação profissional da responsável, explicar o Projeto e o que é a Educação Sexual, apresentar alguns índices da saúde sexual e reprodutiva, a importância de trabalhar esse tema na escola, a metodologia que seria empregada, as vantagens que ele traria para os indivíduos, e a postura, conduta e parceria esperada dos pais e responsáveis, em casa.

A primeira reunião contou com um número significativo de pessoas, principalmente responsáveis por alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental II (sexto e sétimo anos). Os presentes na reunião apreciaram a ideia do Projeto e de iniciá-lo na pré-adolescência. É válido salientar que de acordo com Silva (2010), a percepção sensorial do corpo na infância contribui para que a criança se sinta viva, e é pelo corpo que os bebês sentem o mundo. Tal afirmação, corroborada por Freud, estruturou o desenvolvimento da sexualidade em fases. Denominou de fase oral, o nascimento da criança até o desmame; de fase anal, o controle dos esfíncteres; de fase fálica, o período em que a criança volta sua atenção para a região genital; de fase de latência, o momento que a energia corporal está voltada para outros afazeres, não envolvendo o sexual; e por último, a fase genital, marcada pelo início da adolescência. (Silva, 2010).

Contudo, no desenvolvimento da reunião, algumas dúvidas foram levantadas, sendo as mais recorrentes aquelas pertinentes ao conteúdo que seria abordado e se o tema não despertaria a sexualidade dos alunos precocemente.

Explicou-se aos pais e responsáveis que a educação sexual, quando trabalhada por um profissional qualificado, tende a postergar o início da vida sexual, visto que o diálogo contribui para diminuir a ansiedade e a curiosidade, além de colaborar na formação de adultos mais críticos, responsáveis e compreensivos a auxiliar na preservação e cuidado com o corpo, contribuindo ainda, com o empoderamento, prevenindo as IST, a gravidez indesejada e evitando a violência sexual, por exemplo. Após as orientações, os responsáveis levaram para a casa uma autorização que concebia o direito de o aluno participar das aulas.

Foi explicado aos pais e responsáveis que a metodologia de aplicabilidade do Projeto Papo Jovem é voltado para a pesquisa-ação, este tipo de metodologia contribui para o desenvolvimento psicossocial do adolescente. Thiollent (1988) explica o método dizendo que

a pesquisa-ação é um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 1988, p. 16).

Assim, em 10 de fevereiro de 2012, o projeto de educação em sexualidade começou a ser desenvolvido como um projeto extracurricular; para tanto, foi necessário criar um nome e um logotipo que o representasse.

A escolha do nome contou com votação. Os alunos sugeriram vários nomes e dentre todos, o escolhido foi “Papo Jovem”. A criação do logotipo ficou sob-responsabilidade de um

aluno da primeira série do Ensino Médio, Lucas Ferrari, que dominando com facilidade e clareza a arte do desenho, apresentou o símbolo que representa o Projeto, visualizado na imagem número 5.



Foto 5 - Símbolo do Projeto Papo Jovem
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Visando aproveitar ao máximo o tempo disponibilizado para o Projeto de Educação Sexual, estabeleceu-se o trabalho com eixos temáticos com os alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio e, embora os eixos temáticos servissem de norteadores do processo de ensino-aprendizagem, o interesse pelo tema e a curiosidades dos alunos não era ignorado. As aulas eram elaboradas levando em consideração a faixa-etária e o nível de maturidade dos alunos.

Na tabela número três estão representados os eixos temáticos norteadores das aulas do Projeto nos devidos anos e séries.

Ensino Fundamental II	
6º Ano	Puberdade
7º Ano	Corpo Reprodutivo
8º Ano	Corpo Sexual
9º Ano	Vulnerabilidade e IST

Tabela 3 – Disposição do conteúdo para o Ensino Fundamental II
 Fonte: Tabela elaborada pela própria autora.

Ensino Médio	
1º Série	Valorização Pessoal e IST
2º Série	Relacionamentos e Diversidade
3º Série	Projeto de Vida

Tabela 4 – Disposição do conteúdo para o Ensino Médio
 Fonte: Tabela elaborada pela própria autora

Em setembro de 2012, os alunos da primeira série do Ensino Médio e a professora Rita Bueno decidiram construir um evento que levasse informações sobre doenças sexualmente transmissíveis para a comunidade, ao mesmo tempo que proporcionasse mais visibilidade para a área de Educação Sexual e maior respeito por ela.

Visando êxito no evento, planejaram cautelosamente cada detalhe. Assim, escolheram o local, o horário, o público que queriam atingir, buscaram patrocínio, encomendaram camisetas, estabeleceram os meios de abordar educadamente as pessoas e, principalmente, como falar sobre sexualidade com desconhecidos. Para tal, decidiram que a melhor maneira

de interagir com a comunidade seria com uma Tenda Informativa com distribuição de panfletos explicativos sobre IST, escritos pelos próprios alunos.

Para construir os panfletos, as diversas IST existentes foram estudadas em sala de aula e as principais foram selecionadas para compor o folheto. A temática foi abordada com muita cautela com os adolescentes, visto que as imagens divulgadas na internet e nos livros são impactantes e podem causar uma imagem negativa do sexo; por isso, utilizou muitas dinâmicas de grupo na construção desse conhecimento, que ajudaram a não tornar o conteúdo maçante e cansativo, mas sim, leve, enriquecedor e produtivo.

Os panfletos produzidos pelos alunos para a primeira campanha de prevenção estão representados na foto número seis.



Foto 6 – Panfletos distribuídos na I Campanha de Saúde & Prevenção do Papo Jovem
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Na foto número 7 a professora Rita está no local do evento exibindo o *banner* da I Campanha.



Foto 7 – Professora Rita Bueno na I Campanha de Saúde & Prevenção do Papo Jovem
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Em 15 de setembro de 2012, foi realizado o primeiro evento do Papo Jovem, uma Tenda Informativa sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis. O evento ocorreu no sábado pela manhã, na praça central da matriz “Umbelina Bueno”.

No dia do evento os alunos envolvidos na ação se encontraram na praça antes do horário programado para organizar a Tenda e dividir a área de exploração de cada grupo.

Na rua paralela à praça, aos sábados, é realizada a feira do produtor agrícola; esse evento reúne semanalmente um número significativo de pessoas, que foi o público alvo do Papo Jovem.

Na foto número 8, dois alunos do Projeto Papo Jovem estão explicando o folheto para um morador da cidade de Jaguariúna.



Foto 8 - Alunos do Projeto entregando panfletos para um cidadão jaguariunense.
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular).

Bate-papos, risadas, conhecimento, algumas decepções, pois nem todas as pessoas paravam para ouvir os alunos e muito aprendizado surgiram na manhã do evento. A troca de experiências vivenciadas pelos alunos, ao abordar os cidadãos foi algo ímpar. Na ocasião, cada cidadão reagia de um jeito, alguns se sentiam envergonhados, tímidos; outros elogiavam e queriam saber mais sobre a ação.

O diretor, a coordenadora pedagógica e alguns professores do Colégio estiveram prestigiando o evento, colaborando na organização da Tenda e incentivando os alunos. Em suma, o evento foi benéfico para os alunos e para o Projeto; os alunos sentiram-se orgulhosos por criarem e oferecerem à população um evento como esse; sentiram-se importantes por terem feito algo pela comunidade.

Na imagem número 9, estão reunidos na Tenda Informativa montada na praça, os alunos integrantes do Projeto, a coordenadora pedagógica e o diretor do colégio.



Foto 9 - Equipe do Projeto Papo Jovem, a coordenadora pedagógica, Ivone Dubugras, e o Diretor do colégio, Ricardo Caminada, na Tenda Informativa da Campanha.
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Em meio às abordagens, uma aluna abriu o folheto e explicou com muita clareza as informações a um cidadão jaguariunense, que porventura, era o responsável pela rádio FM “105,9 Nova Sertaneja”. Ele, admirado com a postura e conduta da jovem, convidou a todos os integrantes do Projeto a concederem uma entrevista na rádio sobre o evento e o Projeto.

Na semana seguinte ao evento, um grupo de alunos, representando a equipe do Papo Jovem e a professora Rita estiveram na rádio Nova Sertaneja expondo e explicando para os ouvintes o evento realizado na praça, a construção do Projeto e a importância da educação sexual dentro do ambiente escolar.

O radialista recebeu carinhosamente a equipe, explicou detalhadamente como funciona o dia a dia na rádio, apresentou alguns trabalhos desenvolvidos com sua voz e, em seguida, iniciou a entrevista com os alunos mais desinibidos, oportunizando, conseqüentemente, aos seus ouvintes, bons momentos de conhecimento e reflexão sobre a educação sexual.

Nas fotos 10 e 11, os alunos que representavam a equipe do Projeto estavam concedendo entrevista para o radialista Bile na rádio Nova Sertaneja, FM 105,9.



Foto 10 - Radialista Bile, professora Rita Bueno e os alunos concedendo entrevista.

(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)



Foto 11 - Representantes do Papo Jovem na rádio

(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Os alunos que representaram a equipe na rádio não deixaram a timidez ocupar espaço; o empoderamento perante a situação permitiu que os alunos discursassem com propriedade, prazer, satisfação e orgulho sobre evento. Os alunos mencionaram a importância do diálogo sobre sexualidade com os adolescentes e sugeriram que demais escolas adotassem projetos em educação sexual semelhante ao deles.

A oportunidade da entrevista na rádio e da realização do evento em si, deixaram a equipe feliz e orgulhosa do trabalho executado.

O retorno da entrevista da rádio para o Colégio os deixou mais felizes ainda. A entrevista foi concedida ao vivo e a mando do grupo gestor, os professores do Colégio interromperam momentaneamente suas aulas para que, junto de seus alunos, ouvissem a entrevista através dos alto-falantes do Colégio. Quando a equipe do Papo Jovem chegou à escola, todos os alunos saíram da sala de aula para prestigiar, aplaudir e parabenizar o grupo.

Na imagem a número 12 encontra-se uma entrevista concedida ao jornal Gazeta Regional sobre a I Campanha de Prevenção às IST, realizada pelo Projeto Papo Jovem na cidade de Jaguariúna.

'PAPO JOVEM'

Projeto de educação sexual orienta população nas ruas da cidade



O projeto envolve os alunos como agentes de conscientização e de mudança por meio do conhecimento.

Viviane Westin
viviane@gazetaregional.com.br

Com o desafio de provocar as pessoas para repensarem suas atitudes e valorizarem a própria vida, a bióloga Rita Bueno, 28, especialista em Educação Sexual, professora e sexóloga, estará nas ruas da cidade de Jaguariúna neste

sábado, 15, na coordenação de atividades da I Campanha de Prevenção a Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), ação do Projeto de Educação Sexual Papo Jovem. O evento acontece das 8h às 12 horas, nas proximidades da Praça Umbelina Bueno.

Com a participação de 25 estudantes do Ensino Fun-

damental e Médio do Colégio Integrado, a especialista fará a abordagem da população com a entrega de panfletos sobre as DSTs e sexualidade. O material provoca questionamentos que estimulam a curiosidade sobre o que é DST; formas de prevenção, tratamento e reconhecimento. Além disso, provoca a curiosidade sobre a

gonorréia, Aids, sífilis e herpes, entre outros.

"A população em geral precisa estar consciente de que quem vê cara, não vê doença. Muitas pesquisas revelam que existe informação sobre prevenção, mas isso não ocorre adequadamente, por isso tomei a atitude de fazer esta campanha, pois os alunos participantes não somente ouvirão sobre o tema, mas ensinarão também, tentando assim fazer com que os pensamentos destes jovens mudem", explica a sexóloga.

O projeto envolve os alunos como agentes de conscientização e de mudança por meio do conhecimento. Segundo a professora Rita, o Papo Jovem vai transmitir conhecimento no campo da sexualidade, focando neste momento as DSTs, entre as quais o vírus HIV aparece como uma das principais contaminações.

"Vamos entregar os panfletos, conversar e orientar. Quem tiver curiosidade de aprender a colocar um preservativo feminino ou masculino, por exemplo, poderá aprender. Quem preferir poderá escrever as dúvidas em um formulário para receber a resposta por escrito, enviaremos a resposta através de e-mail", detalha a professora.

Segundo dados divulgados no Boletim Epidemiológico Aids/DST do Ministério da Saúde, nos últimos dez anos, acumulados até junho de 2011, houve aumento no número de novas contaminações pelo vírus HIV no País. O levantamento mostra que o Sudeste

foi a única região a registrar redução no número de mortos. Para especialistas ouvidos em reportagem da BBC Brasil, tal crescimento está ligado, entre outros fatores, ao comportamento da população.

Preparativos

Em fases anteriores do projeto, os alunos desenvolveram pesquisas sobre as temáticas, discutiram dentro do horário reservado para o projeto na escola e contribuíram do panfleto informativo que será entregue no dia do evento. O logotipo do projeto, por exemplo, foi criado pelo aluno Lucas Ferrari.

No aspecto multidisciplinar, o projeto teve o apoio de outras disciplinas e professores, envolveu, por exemplo, design gráfico na produção do material de divulgação, orientado pelo professor Wilson Tedeschi. A ajuda também veio de patrocinadores (Detalhes, Wizard, Nutrivet, e Total Sport) que colaboraram com a verba para impressão do material. Além disso, houve o apoio da Prefeitura de Jaguariúna na disponibilização do espaço físico e de tenda para a exposição do projeto.

Desenvolvimento

Segundo a professora Rita, o "Papo Jovem" começou a ser desenvolvido nesse ano no Colégio Integrado, porém o tema já vem sendo trabalhado em anos anteriores. No ano passado foi feito o filme "Adolescência em risco", disponibilizado

no YouTube, que trabalha as dificuldades de se gerar um filho na adolescência. "Como fruto deste trabalho surgiu neste ano a oportunidade de se criar e estender o trabalho com a temática aos demais alunos das diversas séries, observando-se a idade cronológica e mental para a definição de eixos temáticos".

A especialista observa que o principal preconceito da população em geral sobre sexualidade é "relacionar a palavra sexo ao ato. As aulas de educação sexual são espaços para discussão, dramatização, esclarecimento de dúvidas e, principalmente, transmissão de informação sobre este grande mundo que cerca a sexualidade".

Um dos principais desafios observados por Rita é a necessidade de se derrubar o mito de que falar sobre sexo estimula a precocidade sexual. "Pelo contrário, a ansiedade é bem reduzida. As crianças precisam entender o significado das mudanças que acontecem no seu corpo desde cedo".

Para Rita, é impossível querer que uma criança desfrute de uma adolescência saudável sem que essas saibam de todas as transformações naturais que acontecem em seu corpo.

"Espero que as pessoas repensem nas suas atitudes e que a partir da abordagem nas ruas deem mais valor à sua própria vida, lembrando que para ela deve ser curtiada, vivida e aproveitada basta ter responsabilidade", finaliza a educadora.

Foto12: Reportagem no Jornal da cidade
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

O evento da Tenda Informativa foi propulsor de outras atividades. A professora Rita não deixou a energia adquirida e o conhecimento culminado se dissipar. Para tanto, convidou os alunos das três séries do Ensino Médio para realizarem oficinas educativas em sexualidade nas escolas municipais de Jaguariúna.

Com o interesse dos alunos e a autorização do Colégio, foi dado início ao processo de preparação da atividade.

O primeiro passo foi entrar em contato com a Secretaria Municipal de Educação da cidade, solicitando autorização e sugerindo parceria para poder executar a oficina com os alunos do nono ano do Ensino Fundamental II da escola Dr. Franklin de Toledo Pizza. Entre as diversas escolas municipais, a referida escola foi escolhida devido o histórico de vulnerabilidade presente na comunidade em que é inserida.

Após o aval da Secretaria de Educação, formalização do convite e toda burocracia que o evento demandou, os alunos passaram a se empenhar em produzir oficinas dinâmicas, educativas e informativas.

Após algumas reuniões, a equipe composta pelos alunos e a professora, decidiram elaborar as oficinas de acordo com o interesse dos alunos que seriam o público-alvo, para isso adotaram a técnica da caixa de perguntas.

A caixa de perguntas, devidamente lacrada, permaneceu na escola por três dias para os alunos depositarem suas dúvidas e perguntas. Posteriormente, com as perguntas em mãos, realizaram-se a triagem e o agrupamento, ou seja, as perguntas eram lidas e separadas de acordo com o tema incitado; essa separação, propiciou a formação de quatro oficinas:

- **Oficina do Prazer:** Esta oficina tinha por objetivo esclarecer as dúvidas relacionadas aos prazeres que o corpo proporciona, como as relações sexuais, a masturbação e os relacionamentos, entre outros;

- **Oficina das IST:** Esta oficina tinha por objetivo fomentar discussão e alertar os adolescentes sobre as principais infecções sexualmente transmissíveis;
- **Oficina da Puberdade:** Esta oficina tinha por objetivo oportunizar conhecimento e empoderamento do corpo;
- **Oficina da Gravidez Indesejada:** Esta oficina tinha por objetivo esclarecer as dúvidas dos alunos quanto à gravidez indesejada e oportunizar conhecimento sobre os diversos métodos de contracepção.

Inicialmente, ficou acordado que as oficinas seriam realizadas no período fora o de aula, tanto dos alunos do Papo Jovem como dos alunos da escola Franklin. Mas no dia da aplicação da oficina, estiveram presentes na escola somente cinco alunas. A justificativa apresentada pela diretora da escola foi que muitos alunos cuidam de seus irmãos para os pais trabalharem, outros trabalham como jovens aprendizes e outros ainda possuem afazeres no contraturno. Diante dessa realidade, sugeriu-se aplicar as oficinas em horário de aula.

Após autorização dos pais e do colégio para realizar a atividade em horário de aula, os integrantes do Papo Jovem foram novamente ao encontro dos alunos para realizar a oficina. Chegando à escola Franklin, os alunos responsáveis por conduzir as oficinas passaram a organizar a sala para, em seguida, iniciar as atividades.

A programação para cada oficina era de 90 minutos e, como havia quatro turmas de nono ano, combinou-se que as quatro turmas participariam das oficinas em esquema de rodízio.

Com o intuito de padronizar as oficinas, a programação de cada uma foi estruturada de maneira semelhante. Todas as oficinas continham uma dinâmica, um momento informativo e um momento de diálogo.

Na imagem número 13, a aluna Gabriela Mantovani está explicando como seria realizada a Oficina da Puberdade para os alunos do nono ano A da escola Municipal Franklin de Toledo Pizza.



Foto 13 – Aluna Gabriela Mantovani explicando sobre puberdade
na Oficina do Corpo
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Na imagem número 14, a aluna e integrante do Projeto Papo Jovem, Marina Chirico está conduzindo a dinâmica dos corações sobre as principais doenças sexualmente transmissíveis para os alunos do nono ano B da escola Municipal Franklin de Toledo Pizza.



Foto 14 – Alunas do Papo Jovem conduzindo Oficina das Infecções Sexualmente Transmissíveis (Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)



Foto 15 – Alunos do Papo Jovem conduzindo a Oficina da Gravidez Indesejada (Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Na imagem número 15, o aluno Enrico está com um modelo de DIU (dispositivo intrauterino) em mãos. Em meios aos diversos meios apresentados aos alunos, ele pontua os benefícios e malefícios que o contraceptivo apresenta. A Oficina em questão é a da Gravidez

Indesejada, ofertada para os alunos do nono ano C, da escola Municipal Franklin de Toledo Pizza.

Na imagem número 16, os alunos do nono ano da turma D, da escola Municipal Franklin de Toledo Pizza, estão em roda participando da dinâmica ofertada na Oficina do Prazer. Nessa dinâmica, os integrantes do Papo Jovem solicitavam que os alunos retirassem a embalagem de uma bala sem usar suas mãos. O desenrolar da dinâmica envolveu muitas risadas e alegria e levou os adolescentes a refletirem sobre a importância de entender o comando do líder da dinâmica e a importância do diálogo.



Foto 16 – Imagem dos alunos na Oficina do Prazer
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

A realização das oficinas foi satisfatória para os alunos de ambas as partes, eles aprenderam, ensinaram, riram, fizeram novas amizades e até romperam paradigmas entre escola pública e particular.

A imagem a seguir reúne os integrantes do Papo Jovem e alguns do Ensino Médio que estiveram na escola Franklin de Toledo Pizza realizando as oficinas.



Foto 17 - Equipe de oficinairos do Papo Jovem em frente à escola Franklin de Toledo Pizza.
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Para encerrar 2012, o Papo Jovem aproveitou o marco do dia primeiro de dezembro, Dia da Luta Contra a AIDS, para realizar seu último evento do ano, a II Campanha de Prevenção às IST. O evento foi similar à campanha realizada na praça central Umbelina Bueno; porém o foco de abordagem vinha ao encontro da data, ou seja, foi a prevenção da AIDS. O local escolhido para sediar o segundo evento foi à Estação Mogiana de Trem; neste local, acontecem passeios com a Maria Fumaça e a cidade recebe constantemente, nos finais de semana, um número significativo de visitantes, que foram o público-alvo dos alunos.

Na imagem 18 é possível observar os alunos do Projeto organizando a Tenda.



Foto 18 - Equipe do Papo Jovem organizando a Tenda Informativa da II Campanha de Saúde & Prevenção
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Na imagem 19 a professora Rita está explicando e exemplificando aos jovens como usar e colocar corretamente o preservativo masculino. Já na imagem 20, é possível observar a entrevista que a professora e os alunos concederam para o Jornal Gazeta Regional. A notícia foi veiculada no dia 1º de Dezembro de 2012.



Foto 19- Professora Rita Bueno e aluna Desirée ensinando os adolescentes a colocarem preservativo masculino

DIA MUNDIAL DE COMBATE À AIDS

Estudantes realizam corpo a corpo para prevenir a população

Viviane Westin
viviane@gazetaregional.com.br

Tendo a prevenção como aliada, estudantes de Jaguariúna vão às ruas neste sábado, 1º de dezembro, no Dia Mundial de Combate à Aids, para fazer uma abordagem sobre esta doença que mata, em média, oito pessoas por dia no Estado de São Paulo, ou seja, uma morte a cada três horas, segundo dados da epidemia de Aids divulgado pela Secretaria Estadual da Saúde. A ação vai ocorrer a partir das 10 horas, no Centro Cultural.

A iniciativa é do Colégio Integrado de Jaguariúna e terá a participação de 25 alunos dos Ensinos Fundamental e Médio, com orientação da professora Rita Bueno, especialista em Educação Sexual. A equipe estará identificada com camisetas verdes e serão distribuídos folhetos informativos aos frequentadores do espaço.

A atividade faz parte do Projeto de Educação Sexual Papo Jovem e esta é a segunda ação da Campanha de Prevenção a Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), a primeira ocorreu em setembro.

Em uma década, houve queda de 35,7% da taxa de incidência de novos casos notificados de Aids em todo o estado, segundo dados sobre a epidemia. No estado de São Paulo foram notificados 217.367 casos da doença entre 1980 a junho de 2012. A infecção pelo vírus que causa a doença, o HIV, tem como populações

mais vulneráveis os homens que fazem sexo com homens, gays, travestis, transexuais, profissionais do sexo.

A temática foi debatida pelos alunos em sala de aula e isso deve contribuir para esclarecer as dúvidas da população e até mesmo para a mudança de comportamento. "O material impresso que vamos distribuir provoca questionamentos que estimulam a curiosidade sobre o que é DST; formas de prevenção, tratamento e reconhecimento. Além disso, provoca a curiosidade sobre a gonorréia, Aids, sífilis e herpes, entre outros", explicou a professora.

Segundo Rita, o local foi escolhido pela alta concentração de turistas de diferentes cidades. "Essas pessoas também são multiplicadoras da informação", observou ao comentar sobre a ampla abrangência da campanha sobre um tema que está em evidência. "Os alunos participam como agentes de conscientização e de mudança por meio do conhecimento", completou.

Segundo dados divulgados no Boletim Epidemiológico Aids/DST do Ministério da Saúde, nos últimos dez anos, acumulados até junho de 2011, houve aumento no número de novas contaminações pelo vírus HIV no País. O levantamento mostra que o Sudeste foi a única região a registrar redução no número de mortos. Para especialistas, tal crescimento está ligado, entre outros fatores, ao comportamento da

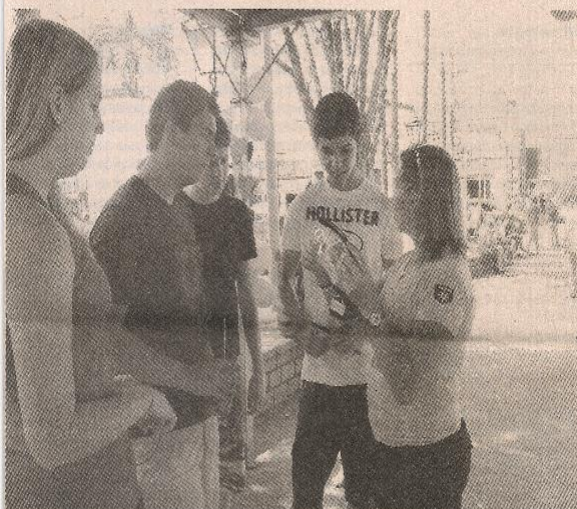
população.

A aluna Ana Beatriz, que participou da primeira ação do projeto Papo Jovem, comentou sobre os diferentes comportamentos das pessoas abordadas nas ruas da cidade e está mais confiante para a ação do Dia Mundial de Combate à Aids. "Muitas pessoas aproveitaram para fazer perguntas, outras recusaram a informação e tiveram aquelas que não sabiam sobre a existência de algumas doenças. O folder auxilia com algumas explicações e a pessoa fica com esse material". Nos diálogos e debates em sala de aula a aluna disse que foi muito importante a troca de informação. "Aprendi bastante coisa que eu não sabia".

'Fique Sabendo'

No sábado, dia 1º, também ocorre o encerramento das ações da Mobilização Nacional de Prevenção e Testagem para Sífilis, HIV e hepatites B e C, lançada pelo Ministério da Saúde (MS) e, no Estado de São Paulo, das ações do "Fique Sabendo", promovida pelo Programa Estadual de DST/Aids, em parceria com o Instituto Adolfo Lutz e as secretarias municipais de Saúde, para sensibilizar a população sobre a importância do diagnóstico precoce.

Segundo dados do MS, o Brasil tem hoje cerca de 530 mil pessoas infectadas pelo HIV, sendo que 130 mil desconhecem essa situação e cerca de 30% dos pacientes ainda



O projeto envolve os alunos e provoca as pessoas para repensarem sobre suas atitudes e valorizarem a própria vida.

chegam ao serviço de saúde tardiamente.

"Os números apontam para o controle das novas infecções e pela estabilidade nas taxas de mortalidade por Aids. Mesmo assim ainda ocorrem um número expressivo de mortes diariamente no Estado. Por isso é muito importante o diagnóstico precoce", afirma Maria Clara Gianna, diretora do Programa Estadual DST/Aids.

A campanha também pretende incentivar pessoas que nunca realizaram o teste a conhecerem o seu status sorológico, independentemente de

sua orientação sexual.

"É fundamental que as pessoas com vida sexual ativa façam o teste, para descobrir se são ou não portadora do vírus HIV. Se o teste der positivo, é importante iniciar imediatamente o seguimento médico", reforçou a diretora.

O teste rápido do HIV, feito a partir de punção digital, com pequena amostra de sangue, demora cerca de 40 minutos e sua eficácia é igual ao tradicional. Os testes de sífilis e hepatites B e C utilizam a mesma tecnologia do exame para HIV.

Jaguariúna

O balanço preliminar, em Jaguariúna, da campanha Fique Sabendo, registrou a coleta de 68 exames em seis dias, de 22 a 27 de novembro. Os dados foram divulgados pela Secretaria Municipal de Saúde. As Unidades Básicas de Saúde (UBS) e o Serviço Especializado de Vigilância em Saúde finalizaram a campanha na tarde de sexta-feira, 30, mas os números totais ainda não haviam sido contabilizados até o fechamento desta edição.

Foto 20 - Reportagem no jornal da cidade
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Em 2012, o Projeto produziu uma série de atividades de destaque para o Colégio, alunos e sociedade, fato que contribuiu para que continuasse a ser realizado no ano seguinte.

Em 2013, o Papo Jovem iniciou o ano e os Projetos criando uma página nas redes sociais intitulada: "Educação Sexual – Papo Jovem". Os integrantes do grupo acharam

interessante divulgar o trabalho realizado por eles, o que proporcionou, ao longo dos anos, visão, credibilidade e transparência no trabalho.

Com o intuito de novamente incumbir e trabalhar as responsabilidades de cada um optou-se por tornar os alunos, os editores da página, ou seja, também estava sob a responsabilidade deles parte da publicação dos textos e divulgação das matérias e eventos. Aproveitando a era digital e a página criada, a equipe fez um alerta sobre prevenção no carnaval que estava se aproximando. Por meio de contagem regressiva para a festa, o Papo Jovem passava seus recados.

As imagens a seguir representam alguns *posts* que os alunos liberaram nas redes sociais em contagem regressiva ao carnaval.



Foto 21 – *Posts* de contagem regressiva para o carnaval
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Em meio à programação das atividades a serem executadas no decorrer do ano, ficou decidido que continuariam realizando oficinas de Saúde e Prevenção nas escolas públicas e municipais, uma vez que o evento anterior foi de grande valia.

A equipe de oficinairos foi modificada, pois alunos da terceira série do Ensino Médio se formaram e alunos do primeiro ano passaram a integrar a equipe. Com a reorganização estabelecida, a equipe passou a planejar novamente onde atuaria.

De acordo com o planejamento da equipe do Projeto, três oficinas deveriam ser realizadas em escolas públicas em 2013. Na rede municipal, o público-alvo seriam alunos do nono ano e, na rede estadual, alunos da primeira série do Ensino Médio. Decidiu-se, em plenária, que a cidade que receberia a equipe do Papo Jovem seria Santo Antônio de Posse, cidade vizinha localizada a exatamente 22 km de Jaguariúna. A mudança de cidade se justifica pelo fato de ter nessa cidade outra unidade do Colégio Integrado. A ação também possibilitou integrar os alunos do colégio de Santo Antônio de Posse no Projeto, os interessados passaram por um processo de treinamento.

A realização da primeira oficina em Santo Antônio de Posse ocorreu na Escola Pública Estadual Santo Antônio. A professora Rita entrou em contato com o diretor da escola, marcou uma reunião para explicar os objetivos do Projeto e recebeu a autorização para realizá-lo; assim, esquematizou como seriam ofertadas as oficinas.

Nesta escola, o número de alunos e de turmas era maior do que na escola Franklin; por isso, o tempo máximo em cada turma seria de cinquenta minutos.

Quanto ao conteúdo a ser abordado, prevaleceu o mesmo da oficina anterior; porém optou-se por não ofertar à dinâmica e conceber um tempo maior ao diálogo, visto que se tratava de uma turma mais ativa.

As fotos nº 22 e 23 retratam a realização das oficinas na Escola Estadual Santo Antônio.



Foto 22 – Integrantes do Projeto realizando a Oficina do Prazer na Escola Estadual Santo Antônio
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)



Foto 23 – Integrantes do Projeto realizando a Oficina da Gravidez Indesejada na Escola Estadual Santo Antônio
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

O evento foi muito proveitoso para os alunos do Projeto e da escola Santo Antônio, porém, em algumas turmas, pôde-se perceber que alguns alunos não estavam interessados em participar das atividades propostas; uns julgavam já saber tudo e outros não aceitaram bem o fato de alunos de escola particular quererem compartilhar algo com eles. Esse fato foi posteriormente dialogado e serviu para que os adolescentes do Projeto refletissem sobre o assunto.

A oficina na escola municipal de Santo Antônio de Posse ocorreu de maneira diferente da escola estadual: Nesta, ao invés de os integrantes do Projeto irem até a escola, os alunos da escola do município vieram até o colégio, porque o Colégio Integrado estava realizando nesse período a Feira de Ciências – Expo Integrado, assim ao mesmo tempo em que participavam da oficina, prestigiavam a Feira. A direção do colégio enviou um convite para as escolas do município e as que tiveram interesse agendaram a visita por telefone.

Dentro do Colégio Integrado, quatro salas ficaram reservadas para oferecer as oficinas. Em cada uma, osicineiros abordaram os temas: o prazer, as IST, a gravidez indesejada e o corpo.

Como nos eventos anteriores, a realização das oficinas foi produtiva, porém dessa vez, uma professora da escola municipal interpelou a ação. Na Oficina do Prazer, no momento do diálogo entre os alunos e o Papo Jovem, uma aluna da rede municipal quis esclarecer uma dúvida sobre sexo anal. A professora da aluna, presente na sala no momento, repudiou a pergunta de sua aluna, alegando que esse assunto não deveria ser abordado por adolescentes. A equipe do Projeto explicou para a professora que as dúvidas deveriam ser esclarecidas, independentemente de qual fosse e disseram ainda que o ambiente era oportuno para tal, mas mesmo assim, a professora ficou irritadíssima, não dando a oportunidade de a professora Rita conversar com ela.

Embora tenha sido um fato desagradável, serviu para ampliar a visão dos integrantes do Projeto sobre a repressão e a intolerância sexual. O fato incomodou os alunos e os colegas de profissão da professora. O ocorrido foi discutido em aula, enriquecendo o conhecimento e a vivência da equipe.

Na imagem 24, os alunos do Projeto estão conversando com os demais sobre os principais métodos de prevenção da gravidez indesejada.



Foto 24 – Integrantes do Projeto realizando a Oficina com alunos da escola Municipal de Santo Antonio de Posse (Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

O fato não abalou a estrutura do Papo Jovem, que continuou desenvolvendo várias aulas e atividades com a comunidade no decorrer do ano.

No ano de 2013, entre os dias 21 e 24 de setembro, com o apoio e patrocínio do Colégio Integrado, a professora Rita teve a oportunidade de participar do *21st World Congress for Sexual Health*, na cidade de Porto Alegre. Na ocasião, a professora levou para o congresso o primeiro trabalho de educação sexual desenvolvido pelo Projeto Papo Jovem.

A imagem 25 faz referência ao *banner* apresentado pela professora Rita no congresso de Sexualidade Humana.



Foto 25 – *Banner* apresentado no Congresso de Sexualidade
 (Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Neste evento, a troca de experiências com profissionais de diversas partes do mundo sobre a Educação Sexual, permitiu com que Rita voltasse para o colégio com muito ânimo, disposição e com a bagagem repleta de novidades e informações.

Em 23 de novembro de 2013, a professora Rita Bueno participou da mesa-redonda “Educando alunos e formando professores”, na XVII Jornada Salesiana de Sexualidade, no UNISAL, Unidade Santa Teresinha, em São Paulo. No evento intitulado “Educação sexual na escola: os desafios de uma formação integral” a professora pôde mostrar ao público presente como era desenvolvida a educação sexual pelo Papo Jovem no Colégio Integrado. Na

ocasião, teve a oportunidade de conhecer o trabalho de educação sexual de outro colégio, participante também da mesa-redonda.

A imagem número 26 é o modelo de panfleto usado pela UNISAL para divulgar o evento

UNISAL
CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO

XVII Jornada Salesiana de Sexualidade

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA
Os desafios de uma formação integral

Data: 23/11/2013
Horário: das 9h às 17h
Local: **UNISAL - Campus Sta. Teresinha**
(Rua Augusto Tolle, 575 - Sta. Teresinha - São Paulo)

PROGRAMA

08h30 - Abertura

09h00 - Conferência
**EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:
os desafios de uma formação integral**
Dra. Maria Helena Tavares Vilela (UFG)

13h00 - Seminários
EDUCAÇÃO SEXUAL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

14h30 - Mesa-redonda
EDUCANDO ALUNOS E FORMANDO PROFESSORES
Cândida Beatriz Vilares Gancho (Colégio Bandeirantes - São Paulo)
Maria Estela Benedetti Zanini (Colégio Bandeirantes - São Paulo)
Rita Bueno (Colégio Integrado - Jaguariúna)

16h30 - Encerramento
OLHANDO PARA O FUTURO
Ana Cristina Canosa (UNISAL)
Ronaldo Zacharias (UNISAL) -

Inscrições gratuitas e obrigatórias no site:
www.unisal.br/eventos/jornadasexualidade
Número limitado de vagas

Foto 26 – Panfleto de divulgação do evento
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Em 2014 o Colégio passou por uma reestruturação do material didático, ou seja, passou a adotar material de outra editora. Nessa mudança, de acordo com a distribuição programática do novo material no Ensino Fundamental II, vagou na grade curricular um horário equivalente a duas horas-aula.

Visando incluir o Projeto na grade curricular, foi sugerido pela coordenadora Ivone Dubugras que o horário vago fosse preenchido com o Projeto, que, até então, tinha oportunizado bons momentos e muito conhecimento aos alunos.

Considerando a importância do tema para os adolescentes, o bom desenvolvimento e aceitação do Projeto, o Colégio acatou a proposta e integrou a Educação Sexual na grade curricular, sem comprometer as demais disciplinas. Em suma, os alunos do Ensino Fundamental II (sexto ao nono ano) passaram a ter duas aulas de Educação Sexual semanalmente e no Ensino Médio, permaneceu como atividade extracurricular em período fora do de aula. Com esta alteração, o Papo Jovem passou a integrar o “Projeto Político Pedagógico” do Colégio.

A inserção do Projeto junto às outras disciplinas da grade curricular foi comemorada pelos alunos e pela professora. A partir de então, passou-se a fazer mais reuniões com os pais/responsáveis para dar respaldo sobre o andamento das atividades. Na oportunidade, é frisada aos pais e responsáveis, a importância da parceria com a escola e deixa o canal de comunicação entre eles e a escola aberto para eventuais esclarecimentos e direcionamentos. Desde o início das aulas de Educação Sexual, até o presente momento, não houve nenhum pai que se opusesse ao Projeto. Pelo contrário, muitos deles já receberam orientações da professora.

A mudança no horário do Projeto possibilitou que inúmeros alunos que tinham dificuldades em comparecer no contraturno no Colégio passassem a participar do Projeto.

Com a inserção do Projeto na grade curricular, conseguiu-se intensificar as aulas e organizar o material a ser aprendido durante o ano de maneira ímpar.

A proposta de trabalhar a Educação Sexual na grade curricular deve-se ao fato de que todo conteúdo a ser aprendido em sexualidade humana precisa ser aplicado gradativamente no Ensino Fundamental II, pois assim, estaria proporcionando um arcabouço de conhecimento para as atividades do segmento seguinte –Ensino Médio – e/ou proporcionando aos alunos que se desligam do Colégio conhecimento, autonomia e capacidade para auxiliar outros colegas. Para tanto, foi organizado um cronograma, nele foram distribuídos os temas a serem explorados nos meses letivos do ano. A tabela pode ser acompanhada a seguir.

Cronograma Educação Sexual

	6º Ano	7º Ano	8º Ano	9º Ano
Fevereiro	Autoestima	Bullying	Valores, atitudes e referências.	Adolescência propriamente dita. Influência (amigos) e comportamento sexual
Março	Estereótipos	Amizade Respeito, tolerância e solidariedade.	Sentimentos (amor, paixão, ciúmes)	Decisões, comunicação e recusa. Ajuda, apoio e orientação. Relação sexual/Primeira vez Desejo e prazer sexual
Abril	Puberdade Feminina	Sexualidade e sociedade (tabus e preconceitos)	Relacionamentos (Namorar, ficar, casamento e união estável)	Gravidez Maternidade e Paternidade
Maior	Puberdade Masculina	Sexualidade e mídia	Corpo sexual	Preservativo - Contracepção Aborto
Junho	Respeito ao Corpo	Cultura	Gênero	DSTs
Julho	Férias	Férias	Férias	Férias
Agosto	Nascimento (reprodução)	Adolescência - básico	Gênero	Drogas
Setembro	Família	Corpo reprodutivo (anatomia e fisiologia)	Diversidade sexual	Sexualidade e mídia Sexualidade e as artes
Outubro	Casamento	Direitos Humanos	Violência sexual/Abuso sexual	Direitos reprodutivos e sexuais
Novembro	Higiene	Historia da sexualidade	Tomada de decisões	Sexualidade ao longo da vida
Dezembro	Férias	Férias	Férias	Férias

Tabela 5 – Cronograma do conteúdo em Educação Sexual do Papo Jovem
Elaboração própria, com base no Guia de Orientação Sexual
Diretrizes e Metodologia da pré-escola ao 2º grau

Com a adoção desta metodologia, os alunos do Ensino Médio se tornaram capazes e responsáveis por elencar os temas e os eventos que iriam compor o cronograma anual de

trabalho, e para tal, são respeitadas, acatadas e filtradas às sugestões, ideias e apontamentos dos alunos para as atividades e preparação de eventos.

Cada tema mensal de aula no Ensino Fundamental II proporciona uma média de cinco atividades, sendo que a maioria delas é construída pela própria professora, uma vez que turmas de adolescentes apresentam características peculiares, cultura, educação e visão diferentes. Esses fatores demandam intervenções específicas e usufruindo delas, é possível atingir bons resultados. O cronograma apresentado é ajustado quando necessário para poder atingir as necessidades do público-alvo.

Como metodologia do Projeto, foi decidido que anualmente, seria apresentado por uma das turmas um trabalho maior, no qual geralmente a família e/ou a comunidade estaria envolvida. A adoção dessa metodologia contribui para que os adolescentes reconheçam-se como autores de algo, como seres capazes de construir e efetivar ações, além de estimular a responsabilidade no cumprimento das obrigações destinadas à construção do trabalho.

No mês de abril, o tema de trabalho para o sétimo ano foi Sexualidade e Sociedade – Tabus e Preconceitos. Através das discussões sobre o tema, uma aluna argumentou não compreender tanto tabu quando se falar em sexo e sexualidade, uma vez que ninguém veio da cegonha; todos, para nascer, tirando a reprodução artificial, vieram do ato sexual. Essa discussão suscitou a ideia de construir uma exposição que mostrasse o fluxo natural da vida no contexto da sexualidade e para isso, aproveitou-se a “Expo Integrado”.

Foi organizado de forma simples, porém dinâmica a exposição. Os visitantes, ao chegarem à porta, assinavam o livro de presença e recebiam um modelo confeccionado em EVA de óvulo ou de espermatozoide.

A imagem 27 refere-se à recepção do evento, local onde o visitante ganhava um modelo óvulo ou espermatozoide confeccionado em material EVA.

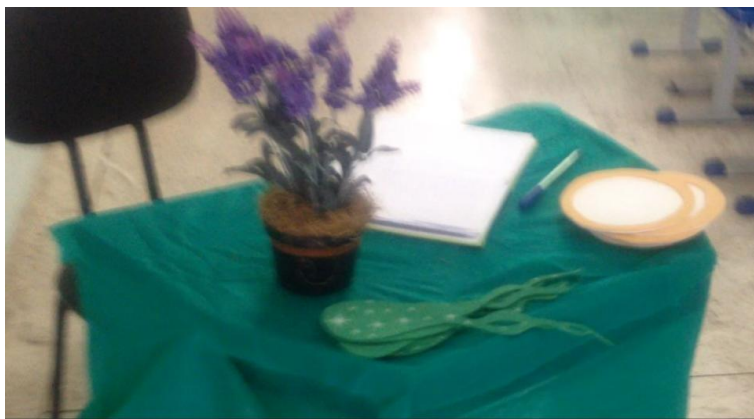


Foto 27 – Modelo de óvulo e espermatozoide entregue na recepção da sala.
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Com o modelo em mãos, o visitante caminhava ao encontro do respectivo par, ou seja, se estivesse com o óvulo na mão buscava o espermatozoide, ou vice-versa. Esse processo buscou explicar o processo de fecundação. Visando facilitar a compreensão do fenômeno, a professora confeccionou em MDF, com a ajuda dos alunos, um modelo grande de útero que facilitou a explicação.

Na imagem 28 é possível observar o modelo do útero confeccionado em MDF pela professora e alunos.



Foto 28 – Modelo de útero em MDF confeccionado pelo Projeto
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Em sequência a esse processo, havia um *banner* na parede exemplificando os nove meses de gestação. Frutas postas em uma mesa serviam de modelo comparativo do útero nas fases da vida; ameixa simbolizava o útero de uma criança; a pera invertida, o útero de uma mulher adulta e uma melancia, o útero de uma mulher grávida.

Na imagem 29 observa-se um *banner* com os meses de gravidez e a imagem 30 representa a enquete feita pelos alunos aos visitantes sobre como vieram ao mundo.



Foto 29 – *Banner* sobre os meses de gestação
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

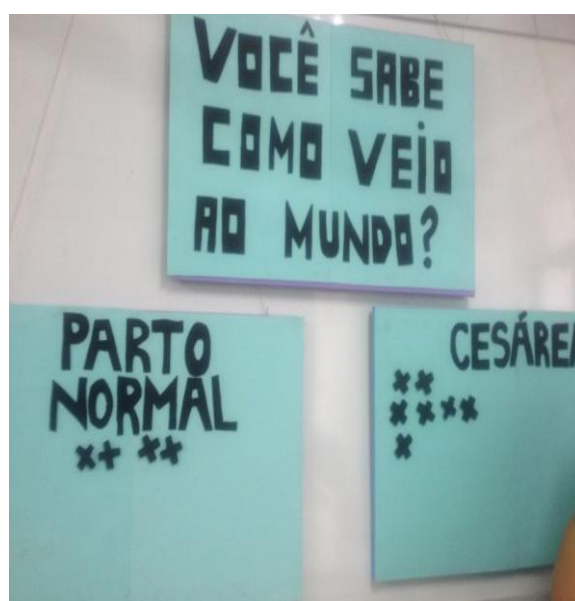


Foto 30 – Enquete sobre o tipo de parto
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Depois do processo de fecundação, os visitantes eram convidados a refletir sobre o nascimento. Os alunos os questionavam sobre o tipo de parto que os trouxeram a vida e os convidavam a assistir a um vídeo curto sobre nascimento, a manusear o modelo pélvico com a bolsa amniótica da Semina Educativa¹⁰ e a observar as imagens de parto.

Seguindo o ritmo da vida, ao passar pela infância, a professora achou pertinente explicar o significado de gênero e sua importância no processo educativo. Algumas imagens

com frases “sexistas” ilustravam e facilitavam a explicação. A imagem a seguir representa esse momento.

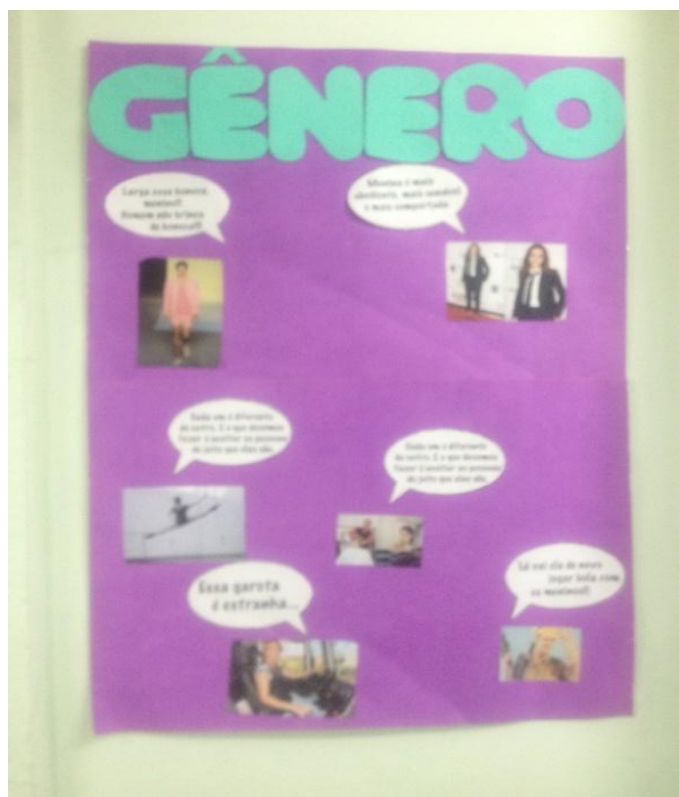


Foto 31 – Cartaz que conduzia a explicação de gênero
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

No momento da explicação, os alunos frisavam aos visitantes a necessidade da conscientização sobre gênero, para que assim, crianças não se espelhem em adultos machistas e repressores e reproduzam o fato como algo natural.

A construção de móveis com fotos dos alunos da sala, decoradas com poemas, poesias, letras de músicas e *hobbies*, representou a adolescência dos alunos em questão. A imagem a seguir exemplifica esta descrição.

¹⁰ A Semina Educativa atua na prevenção da saúde reprodutiva e sexual por meio da aprendizagem e com o manuseio dos Materiais Educativos destinados a profissionais das áreas de Saúde e Educação.



Foto 32 – Móbile representativo da adolescência
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Em seguida, uma mesa com produtos de higiene simbolizava a puberdade. Nessa mesa, dois quadros – um do sexo masculino e outro do sexo feminino – serviam de modelo para explicar as mudanças e transformações do corpo para o público. A imagem 33 exemplifica a descrição da puberdade.



Foto 33 – Espaço para aprender a Puberdade
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Para frisar a gravidez indesejada e a prevenção, outra mesa expunha os diversos tipos de métodos contraceptivos. Nesta mesa, os adolescentes do Projeto explicavam os métodos, expunham os preços, apresentavam os prós e os contra de cada contraceptivo.

Na imagem 34 é possível observar a exposição dos métodos e na imagem 35, os famosos que morreram de AIDS.



Foto 34 – Mesa com métodos contraceptivos
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)



Foto 35 – Famosos que morreram de AIDS
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Para finalizar a exposição, os alunos chamavam a atenção dos visitantes com um painel de fotos de famosos que morreram de AIDS. Neste painel, os alunos aproveitavam a oportunidade para explicar sobre as IST e a necessidade da prevenção.

Através dessa exposição, o Projeto conseguiu com que muitos pais/responsáveis ouvissem explicações sobre a sexualidade humana de seus próprios filhos, estreitando o diálogo em sexualidade nas famílias.

No mesmo ano, porém com outra turma (oitavo e nono ano), foi escolhido um filme para trabalhar os tópicos dos meses de março e abril. A professora adotou o filme “*Grease*”, que oportunizou trabalhar gravidez indesejada, maternidade, paternidade, sentimentos, relacionamentos, relação sexual, recusa, diálogo e adolescência.

Como várias músicas e danças marcam as cenas do filme, aproveitou-se o ensejo e recriaram as danças, construíram poesias, mensagens e paródias sobre as cenas do filme, para apresentarem em um sarau musical.

Anualmente a professora de Língua Portuguesa elabora um sarau com os alunos. Neste ano a professora Rita e ela trabalharam em parceria na construção do evento.

Para a construção do sarau, a professora Rita exibiu o filme e trabalhou as cenas que estavam voltadas à adolescência e à Educação Sexual. Em cada cena comparavam a época do filme com a atualidade, dialogavam e construía algo. Como exemplo, é possível citar o poema “Você e eu”, construído a luz a primeira cena do filme que aborda o amor de verão.

Ponho-me a caminhar
Com os pés molhados pelo mar.
Sob a luz do pôr do sol
Olhando além do mar
As luzes do farol.

Vivemos uma história tão bonita
Delicada como um laço de fita.
Lembranças suas me fazem arrepiar
Como seu toque me fazia delirar.

Sinto sua falta aqui do meu lado
Lembrando de como já fui amado.
Você era a única que fazia meu coração acelerar
Com um humilde e simples olhar.

A saudade que sinto de nós dois
Já não é mais desse mundo
Sinto saudade de nós a cada segundo.

Autora: Victoria Bianchi.

Os passos das danças foram recriados pelos próprios alunos e, após muito ensaio e dedicação, no dia 07 de outubro de 2014, no Teatro Municipal de Jaguariúna, ocorreu à estreia do sarau musical.

Nas fotos 36 e 37, observam-se alunos do novo e oitavo anos respectivamente, apresentando as danças do filme *Grease* para pais e convidados no Teatro Municipal de Jaguariúna.



Foto 36 - Alunos do nono ano dançando *The Summer Night*
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)



Foto 37 - Alunos do oitavo ano dançando *You're the one that I want*
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

O espetáculo foi um sucesso, os alunos aprenderam, divertiram-se e ficaram felizes, pois todo esforço valeu a pena. Os elogios recebidos dos pais foram extremamente satisfatórios, não só por prestigiarem seus filhos, mas também por ser um espetáculo alegre, divertido e saudosista.

A cada ano que se passava, o Papo Jovem ganhava espaço, respeito e admiração dentro do Colégio.

Em 2015, foram produzidos diversos jogos, vídeos, dinâmicas e textos. A imagem a seguir retrata uma dinâmica feita com alunos do Ensino Médio. Ela consistia em formar uma ponte com o apoio e equilíbrio dos colegas. Por meio dessa dinâmica a professora trabalhava a relação de confiança e em seguida, dialogava sobre relacionamentos.



Foto 38 - Jogo da confiança – alunos do E. Médio
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

A imagem 39 mostra a professora Rita entregando pintinhos para os alunos do nono ano. Nesta dinâmica, os alunos cuidaram por trinta dias da ave como se fossem seus filhos.

Diariamente eles elaboravam relatórios descrevendo a relação com o colega e com os “supostos filhos”.



Foto 39 - Dinâmica dos pintinhos- gravidez na adolescência
Alunos do 9º ano
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Na imagem 40, a professora solicitou que os alunos do oitavo ano fizessem o contorno dos corpos e apontassem quais partes deles estão relacionados à sexualidade, de acordo com o olhar do grupo. Em seguida, deveriam escolher um nome para o personagem, idade e criar uma história fictícia para ser apresentada para a professora e colegas, para então dialogar sobre corpo biológico e sexualidade.



Foto 40 - Dinâmica do corpo – alunos do 8º ano
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Na imagem 41 é possível observar os alunos do sétimo ano se organizando para iniciar o jogo da Adolescência, um jogo de trilha, baseado em perguntas e respostas construídos por eles. Com o auxílio de um dado, eles caminhavam pela trilha de números e letras arquitetada em EVA (acetato-vinilo de etileno). Na casa em que o número do dado determinava parar, eles tinham que responder a uma pergunta, desafio, ficar uma rodada sem jogar ou mesmo cumprir uma prova.



Foto 41 - Construção de jogos – Alunos do 7º Ano
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Na imagem 42, os alunos retratam, através de uma singular festa das nações, a cultura e costumes de outros países. Na atividade em questão os alunos apresentam os dados da pesquisa para alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental I.



Foto 42 - Cultura de outros países – alunos do 7º ano
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Praticamente todas as atividades sugeridas pela professora eram realizadas com prazer e satisfação; o *feedback* dos alunos perante o que a professora sugeria era positivo. Durante a semana, as aulas de Educação Sexual eram as mais esperadas, os alunos as viam como uma disciplina importante e diferente, também um momento alegre, de descontração, de desconstrução e construção. Foi possível perceber que a educação sexual fundiu-se aos costumes e à cultura da escola.

Em 2016, uma novidade surpreendeu o Papo Jovem. Com o Colégio em expansão, a escola mudou de endereço e com a mudança de prédio, o Projeto conquistou uma sala própria para o desenvolvimento de suas atividades.

Na imagem 43, a professora está na porta da sala, no momento de inauguração do prédio novo, apresentando o Papo Jovem.



Foto 43 - Professora Rita Bueno na porta da sala do Papo Jovem
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

A conquista da nova sala proporcionou à professora maior liberdade e dinamismo na condução dos trabalhos. Os materiais confeccionados pelos alunos tiveram espaço para serem armazenados e exibidos, uma vez que, antes os mesmos ficavam armazenados na sala dos professores, ambiente compartilhado por muitas pessoas. O espaço se tornou um ambiente acolhedor e de referência no Colégio e, nas horas específicas da aula, os alunos se dirigem até lá.

A mudança de sala os tira do ambiente de rotina, proporcionando a sensação de liberdade, principalmente pelo fato de irem ao encontro de uma aula dinâmica e prazerosa, uma aula em que as carteiras não ficam enfileiradas como no cotidiano. Nesta sala eles são autores das próprias regras, nela podem conversar sobre seus medos, angústias, satisfações e expor seus sentimentos sem serem julgados ou acusados, mas acolhidos. Este ambiente foi moldado com as características deles, para que se sentissem pertencentes a ele.

Em uma das aulas, os alunos do Ensino Médio tiveram a ideia de colocar o Papo Jovem em diversas redes sociais, alegando que este meio de comunicação é o mais próximo dos adolescentes.

Além de inserir o Papo Jovem nas redes sociais, criaram também um canal no *Youtube* para facilitar a exposição das atividades e para dialogar com o público.

É possível observar, na imagem 44, as diversas redes sociais em que o Papo Jovem está inserido.



Foto 44 – Papo Jovem nas redes sociais
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Com o intuito de facilitar a administração das redes sociais e do Projeto, uma vez que a demanda de afazeres da professora Rita Bueno é alta, ela selecionou, de acordo com as habilidades de cada adolescente, alguns alunos para compor a diretoria do Projeto e cada um respondia por uma função dentro da organização.

Na imagem 45, em nível hierárquico observam-se os alunos que representam a diretoria do Projeto.

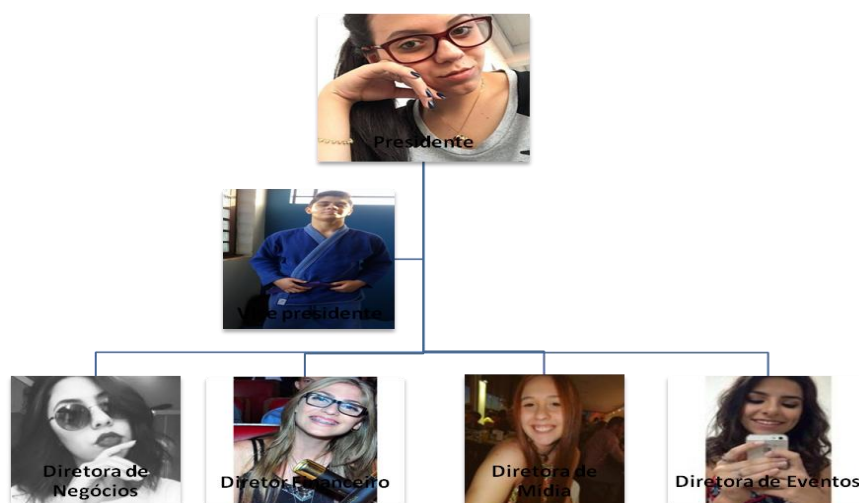


Foto 45 – Membros da diretoria do Papo Jovem
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Na imagem 46, observa-se a realização de uma dinâmica na qual os alunos estão sentados um de frente o outro, um momento de diálogo sobre temas considerados tabus na sociedade.



Foto – 46 Alunos do nono ano participando de dinâmica na sala do Projeto
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Em 2016, devido à curiosidade das crianças com relação à sexualidade, a coordenadora do Ensino Fundamental I, com autorização do diretor, ampliou o Projeto de Educação Sexual e resolveu iniciar as aulas no 5º ano. Para tanto, alguns ajustes foram feitos. Inicialmente, adotou-se outro nome para o Projeto, visto que “Papo Jovem” é um termo que não se adequa a crianças, elegendo para tal “Cuidando de mim”; em seguida, ajustaram os objetivos do Projeto, restringindo, nesse momento, ao cuidado e atenção com o corpo. O Projeto ficou limitado há uma hora-aula por semana, além de ser optativo.

Os pais dos alunos que se inscreveram no Projeto Cuidando de Mim foram orientados quanto ao conteúdo que seria abordado e a metodologia que seria empregada e assinaram uma autorização para que seus filhos pudessem frequentar as aulas.

Na imagem 47, duas alunas estão participando de uma atividade de recorte em revistas sobre o corpo.



Foto 47 - Alunas do Projeto “Cuiando de mim”
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Visando fidelizar cada vez mais o Projeto, com o apoio do desenhista Lucas Ferrari, em 2016 já ex-aluno, criaram personagens para compor e completar as atividades do Projeto.

Os personagens Ana e Zeca, observados na imagem 48 e 49, foram criados de forma que, ao serem inseridos nas atividades, despertassem nos alunos perguntas e questionamentos sobre estereótipos, pois em primeira instância não é possível discernir um do outro pelos atributos externos.



Foto 48: Personagens Ana e Zeca
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)



Foto 49: Personagens Ana e Zeca
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

No início de 2017, a coordenadora pedagógica optou por diminuir uma aula de Educação Sexual do Ensino Fundamental II, para incluir um Projeto de liderança pessoal. A notícia não agradou a professora e nem aos alunos, porém sem muita alternativa, a professora acatou a imposição e continuou com as atividades do Projeto. A ocorrência descrita retrata a fragilidade da sexualidade no campo educacional.

Nesse mesmo período, a professora Rita Bueno foi convidada pelo diretor do Colégio, Ricardo Caminada, a assumir a Coordenação Pedagógica dos anos iniciais do Ensino Fundamental II, fato que contribui com a organização das aulas e eventos do Projeto nos próximos períodos.

A exclusão de uma aula do Projeto limitou o conteúdo a ser ministrado, mas, a fim de minimizar os efeitos no planejamento, a Rita Bueno optou por diminuir o número de atividades, tentando assim, preservar a qualidade do conteúdo.

O fato relatado é um dos exemplos da dificuldade encontrada pela professora em manter o Projeto de Educação Sexual no ambiente escolar. Dentre outros, destaca-se a falta de parceria no desenvolvimento do projeto, alguns professores se prontificam a ajudar e até ajudam em eventos, porém a parceria, no cotidiano, é pequena. Trabalhar em equipe dentro de um ambiente escolar seja na área da sexualidade ou em qualquer outra área não é fácil. Além disso, observa-se que muitos colégios visam como principal objetivo o resultado nos vestibulares, fato que não oportunizada outros projetos no ambiente escolar, desconsiderando muitas vezes, a necessidade dos alunos. Somado a esse cenário, encontram-se muitos professores cumprindo cargas excessivas de hora-aula, para tentar manter um padrão estável de vida, assim não se comprometem e não se envolvem com mais afazeres além dos seus.

Dentro do colégio é comum encontrar o nome da professora envolvido em diversos acontecimentos ligados à sexualidade, seja no princípio ou na resolução de conflitos. Muitas

situações-problema que ocorrem na escola com os adolescentes ligados a sexualidade são direcionadas pelos leigos e ignorantes ao Projeto e à professora.

Alguns colegas de profissão, em tom jocoso, satirizam o trabalho chamando-o de, “*a sala da suruba*”, “*a professora do sexo*”. Quanto a isso, a professora Rita atribui à incapacidade de ampliarem a visão sobre Educação Sexual, limitando-a e restringindo-a ao sexo. Embora a professora não leve para o lado pessoal, isso exemplifica a realidade de uma parte da população que desconhece a importância da educação sexual.

O fato relatado condiz com as palavras de Leão, Ribeiro e Bedin (2010):

Talvez a maior dificuldade em refletir sobre sexo e sexualidade nos dias de hoje esteja na necessidade [...] de nos despojarmos das influências morais e valorativas que geralmente acompanham reflexões sobre o tema, pois como enfocamos uma área que não é apenas de estudo, mas de vida pessoal, não é incomum que frases contendo palavras como *luxúria*, *lascívia*, *egoísmo*, *promiscuidade*, apareçam como qualitativas para práticas sexuais culturalmente indesejadas.

A falta de reconhecimento profissional e financeiro também é um fator relevante no trabalho em Educação Sexual, seja dentro do Colégio ou em outro ambiente. É trabalhoso elaborar e construir um bom Projeto, pois demanda tempo, diferentemente de uma aula com livro ou material apostilado já preparado. Além disso, as pessoas que se interessam em aplicar o Projeto em suas instituições ou escolas solicitam que o evento seja feito gratuitamente.

Entretanto, o Papo Jovem não se deixa abalar facilmente e a construção de atividades com os alunos não para. Findando o ano de 2017, mais precisamente em 30 de novembro, a professora Rita e os alunos do nono ano, proporcionaram aos pais, professores e colegas do

Colégio, uma noite de autógrafos do livro que eles escreveram. A professora aproveitou os conhecimentos adquiridos no programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara e conduziu os alunos à escrita e elaboração de um livro com dicas de diálogo sobre Educação Sexual para seus próprios pais.

A imagem a seguir retrata a capa do livro. Ele foi construído por trinta e dois alunos do nono ano em conjunto com a professora Rita e as ilustrações foram feitas por três garotas do sétimo ano.



Foto 50: Livro de Educação Sexual elaborado pelo Papo Jovem
(Copyright Rita Bueno, Coleção Particular)

Diante das descrições das atividades do Projeto desde 2010 até 2017, é possível perceber que trabalhar com a Educação Sexual exige dedicação, criatividade, respeito, cautela, perseverança e profissionalismo e que as dificuldades citadas podem ser superadas pelo sorriso de gratidão e pelo *feedback* dos alunos. Esses fatores contribuem para que a professora em questão não se desestimele e continue engajada para que o Projeto permaneça em plena atividade.

Na tabela a seguir é possível acompanhar um resumo ano a ano das principais atividades desenvolvidas pelo Projeto nesses anos de existência.

Principais eventos do Papo Jovem 2010 – 2017	
2010	<ul style="list-style-type: none"> ✚ Início da Educação Sexual no colégio Integrado com aulas esporádicas; na substituição de professores.
2011	Participação na II Expo Integrado com: <ul style="list-style-type: none"> ✚ Sala da química do Amor. ✚ Filme Adolescência em risco.
2012	<ul style="list-style-type: none"> ✚ Nascimento do Papo Jovem com oferta de aulas no contraturno. ✚ Campanha de prevenção na praça central de Jaguariúna. ✚ Concepção de entrevista na rádio “Nova Sertaneja”. ✚ Oficinas de educação sexual na escola pública municipal – Franklin de Toledo Pizza. ✚ Campanha de prevenção na Estação Mogiana de Trem – Maria Fumaça.
2013	<ul style="list-style-type: none"> ✚ Inserção do Papo Jovem nas redes sociais. ✚ Posts de contagem regressiva para o Carnaval. ✚ Oficinas de educação sexual na escola pública estadual Santo Antônio. ✚ Participação do Papo Jovem no 21º Congresso Mundial de Saúde Sexual ✚ Participação da professora Rita Bueno na XVII Jornada Salesiana de Sexualidade Humana com o Papo Jovem.

2014	<ul style="list-style-type: none"> ✚ Inserção do Papo Jovem no horário de aula da grade curricular. ✚ Inserção do Papo Jovem no Projeto Político Pedagógico. ✚ Participação na V Expo Integrado: As fases da vida. ✚ Apresentação do Sarau musical: <i>Grease</i>.
2015	<ul style="list-style-type: none"> ✚ Exploração de diversas dinâmicas, como as do pintinho. ✚ Construção de jogos – Adolescência, Menstruação. ✚ Festa das Nações – diversidade cultural.
2016	<ul style="list-style-type: none"> ✚ Conquista da sala do Papo Jovem. ✚ Inserção do Papo Jovem nas demais redes sociais. ✚ Papo Jovem com canal no <i>youtube</i>. ✚ Criação dos personagens Ana e Zeca. ✚ Início do Cuidando de Mim para o 5º ano.
2017	<ul style="list-style-type: none"> ✚ Redução no número de aulas do Projeto. ✚ Publicação de um livro de Educação Sexual com orientações para pais.

Tabela 6: Resumo dos principais eventos realizados pelo Papo Jovem desde 2010
Produção própria da autora.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nada mais oportuno que iniciar as considerações finais deste trabalho com uma frase que norteia e norteou a construção e o desenvolvimento do Papo Jovem: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire 2015, p.48). A dissertação evidenciou que o Projeto Papo Jovem não tinha como principal objetivo transferir conhecimentos, mas sim oportunizar meios e momentos para que os próprios adolescentes e a professora o construíssem.

Diversas ações desde o primeiro contato com a educação sexual, em 2010, no Colégio Integrado até a mais recente publicação do livro, em 2017 foram descritas aqui, porém o Projeto continua ativo e outras ações ainda estão por vir.

Rememorando fotos, documentos, vídeos e organizando cronologicamente as ações e vivências do Projeto, observa-se o quão bonita e significativa é a história do Papo Jovem para a professora, o Colégio e os alunos. Desde que foi implementado no Colégio, contribuiu com a formação de mais de duzentos e vinte alunos e como um diagrama, vai se ramificando, multiplicando e semeando a educação sexual em outros espaços.

A parceria entre a direção do colégio e as famílias permitiram que essa história pudesse ser construída e conseqüentemente relatada. A direção do colégio acreditou piamente no projeto, pois viu nele um espaço de ressignificação da vida, dos valores e de resiliência. Muitas famílias, em meio as suas diversas atribuições, sentiram-se aliviadas, por terem com quem contar e dividir este momento, outras ficaram um pouco receosas, pois ainda carregavam consigo o fardo da educação repressora, fato que ia sendo mudado sempre que estes pais tinham a oportunidade de conhecer de perto o desenvolvimento do trabalho.

Ao orientar os pais quanto à metodologia de aplicabilidade do Projeto Papo Jovem, o Colégio contribui no desmistificar da educação sexual e amplia a visão limítrofe de certos

pais e responsáveis em Educação Sexual, permitindo que muitos deles mudem de opinião por terem recebido um embasamento direcionado sobre o assunto. A sexualidade, por ser um tema tabu na nossa sociedade, desperta em muitas pessoas, principalmente nos representantes dos poderes públicos, visões equivocadas do assunto, criando alardes falsos sobre a temática e prejudicando projetos e professores, visto o movimento da escola sem partido¹¹.

Os diversos educadores sexuais, os adolescentes e jovens devem contestar os argumentos sem sentido das pessoas equivocadas em sexualidade, com exemplos concretos de trabalhos que evidenciam o respeito, a igualdade de gênero e direitos, o amor e a paz. Estas sim devem ser as bandeiras a serem levantadas em prol da educação sexual. Esta é a maneira mais indicada de mostrar os recortes feitos e distorcidos de trabalhos íntegros em sexualidade.

Nas solenidades de formatura, a professora se despede dos alunos com a certeza de que contribuiu não só com a sua formação acadêmica, mas também com a sua formação pessoal, pois oportunizou, no período escolar, situações de diálogo e reflexão que direcionaram os jovens a desfrutar a vida e os prazeres que ela oferece com leveza, consciência, empoderamento, poder de escolha e decisão. No entanto, é válido ressaltar que, apesar de os adolescentes serem orientados e instruídos, cada um escreve a sua história da maneira que melhor lhe convém.

A história descrita deverá servir de inspiração para os demais educadores, que, assim como a autora, acreditam no poder de transformação e empoderamento que a educação sexual no ambiente escolar proporciona na vida dos alunos.

¹¹ O Programa Escola sem Partido, ou apenas Escola sem Partido, é um movimento político criado em 2004 no Brasil e divulgado em todo o país [...] defensores do movimento afirmam representar pais e estudantes contrários ao que chamam de "doutrinação ideológica" nas escolas.
https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_sem_Partido acesso em 20/02/2018.

O paradigma libertador apresentado nas obras de Paulo Freire é o eixo que sustenta o *Papo Jovem*, pois é através dessa liberdade pedagógica que os alunos, o Colégio e a professora desviam das lástimas do sistema e conseguem construir o conhecimento em sexualidade e ainda transcender as demais dificuldades.

REFERÊNCIAS

- Aratangy, L. R. (1998) *Sexualidade a difícil arte do encontro*. São Paulo:Ática.
- Barbirato, N. A. et al. (1994). *Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia*. 5a ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Barroso, L. de M.; Bruschini, M. C. A. (1982). *Educação sexual: debate aberto*. Petrópolis: Vozes.
- Bedin, R. C. (2010). “*A institucionalização do conhecimento sexual enquanto tema de investigação e ensino em universidades brasileiras a partir das ações de grupos de pesquisa*”. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, Brasil.
- Bedin, R. C. (2016). *A história do Núcleo de Estudos da Sexualidade e sua participação na trajetória do conhecimento sexual na UNESP*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, Brasil.
- Bonfim, C. (2012) *Desnudando a educação sexual*. Campinas: Papirus.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2009) Secretaria de Atenção à Saúde. *Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais* / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. (2001). *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual*. Brasília, DF: MEC/SEF.
- Bruns, M. A. de T.; Grassi, M. V. F. C; França, C. (1995) Educação sexual numa visão mais abrangente. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana* 6(1) p. 60-66.
- Chauí, M. (1984). *Repressão Sexual essa nossa (des)conhecida*. 5º Ed. São Paulo: Brasiliense.
- Chauí, M.; Kehl, M. R.; Werebe, M. J. (1991). Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? *Cadernos de pesquisa*, 36, p.99-110.
- Costa, J. F. (1999). *Ordem médica e norma familiar*. 4a ed. Rio de Janeiro: Graal.
- Egypto, A. C. (2011). O tempo de cada um. In: *Orientação sexual – Projetos escolares Extra*. Entrevistador: Tatiane Cotrim ano 3 n.11, p. 5-8
- Figueiró, M. N. D. (1998). Revendo a história da educação sexual no Brasil: Ponto de partida para construção de um novo rumo. *Nuances*, IV, 123-133.

Figueiró, M. N. D. (2014). *Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível*. Londrina: Eduel.

Freire, P. (1997). *Pedagogia do oprimido*. 50 ed. E atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (2015). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 52 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freitas, D. L. de; Chagas, I (2013). Educação sexual em Portugal: a formação de professores como caminho. Um relato de experiências. In: *Formação docente em gênero e sexualidade: Entrelaçando teorias, políticas e práticas*. Rio de Janeiro: FAPERJ. P.123-142.

Gadotti, M. (2007). *A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar*. São Paulo: Publisher Brasil.

Gerhardt, T. E; Silveira, D. T. (2009). *Métodos de pesquisa*; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Goldberg, M. A. A. (1982). *Educação sexual: uma proposta, um desafio*. São Paulo: Aruanda.

Guimarães, I. (1995) *Educação sexual na escola: mito ou realidade*. Campinas: Mercado de Letras.

Lakatos, E. M; Marconi M. de A. (2010). *Fundamentos da metodologia científica 7ed*. São Paulo: Atlas.

Leão, A. M. de C.; Ribeiro, P. R. M. (2008). *Sexualidade e deficiência: Refletindo acerca da formação dos professores*. In *Doxa: Revista Paulista de Psicologia e Educação*. v. 12, n.2 p. 51–61.

Leão, A.M.C. *Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da Unesp-Araraquara quanto a inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos*. 2009. Tese (Doutorado em Educação escolar)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.

Leão, A.M.C; Ribeiro, P. R. M; Bedin, R. C. (2010). *Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores*. *Revista Linhas- revista do programa de pós-graduação em Educação*. Florianópolis, v. 11, n. 01, p. 36 – 52.

Louro. G. L. (2000). *Pedagogias da sexualidade*. In: LOURO G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogia da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 7- 34

Maia, A. C. B.; & Ribeiro, P. R. M. (2011). *Educação sexual: princípios para ação*. *Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, 15(1), p. 75-84.

- Minayo, M. C. de S. (2007) O desafio do conhecimento. 10. ed. São Paulo: HUCITEC.
- Nunes, C. A. (1997). *Desvendando a sexualidade*. Campinas: Papyrus.
- Nunes, C.; Silva, E. (2006). *A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. Campinas: Autores Associados.
- Organização Mundial de Saúde (2003). Egypto C. (org). *Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante*. São Paulo: Cortez.
- Payá, R. (2013). Família e sexualidade. In: Diehl. A; Vieira. L. D. (Org.) *Sexualidade: do prazer ao sofrer*. São Paulo - Roca. p 563-584.
- Pinheiro, V. M. dos S. (1997). História recente da educação sexual na escola e da sexualidade no contexto da realidade brasileira. *DST j. bras. Doenças sex. transm.* 9, (1), p. 4-8.
- Prodanov, C. C; Freitas E. C. de. (2013) Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale.
- Ribeiro, P.R.C. (2013). Revisitando a História da Educação Sexual no Brasil. In P. R. C. Ribeiro (Org.), *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*. 3 ed. Rio Grande: FURG, p. 11-16.
- Ribeiro, P. R. M. (1990). Educação sexual além da informação. São Paulo: EPU.
- Ribeiro, P. R. M. (2004). Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In P. R. M. Ribeiro (Org.). *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência, p. 15-25.
- Ribeiro, P.R.M. (2013). A educação sexual na formação de professores: sexualidade, gênero e diversidade enquanto elementos para uma cidadania ativa. In: *Formação docente em gênero e sexualidade: Entrelaçando teorias, políticas e práticas*. Petrópolis. Rio de Janeiro: FAPERJ, p. 7-17.
- Rosemberg, F. (1985). Educação Sexual na Escola. *Cadernos de Pesquisa*, 53, p. 11-19.
- Russo, J. et al. (2011). *Sexualidade, ciência e profissão no Brasil*. Rio de Janeiro: CEPESC.
- Santos, C.; Bruns, M. A. T. (2000) A educação sexual pede espaço: novos horizontes para a práxis pedagógica. São Paulo: Ômega.
- Silva, É. R F. de A (2016) “A educação sexual no currículo da rede estadual de ensino de São Paulo”. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, Brasil.

Silva, J. L. P.; Surita, F. G.C. (2012). Gravidez na adolescência: situação atual. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 34(8), p.347-350. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-72032012000800001>

Silva, M. C. P. da (2010). Diálogos sobre sexualidade: da curiosidade à aprendizagem. In: *Sexualidade começa na infância*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.17-25.

Silva, O. M. da. (2002) Origens da Educação (Sexual) brasileira e sua trajetória. In: II Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI - Teresina. Formação de Professores, Direitos Humanos e diversidades Culturais. Teresina: EDUFPI, 2002.

Thiollent, M. (1988) Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez & Autores Associados.

Vilela, M. H. B (Org) (2007). In: Vale Sonhar: livro do professor. São Paulo: Trilha Educacional. p.15-18.

Vitiello, N. (1997). *Sexualidade: quem educa o educador: um manual para jovens, pais e educadores*. São Paulo: Iglu.

Werebe, M. J. G. (1977). *A educação sexual na escola*. Lisboa: Moraes Editores.

Zacharias, R. (2010). Anotações de aula da disciplina *Educação sexual – aspectos éticos* no curso de Pós-Graduação em Educação Sexual pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo.

Zerbinati, J. P; Bruns, M. A. de T. (2017) *Sexualidade e educação: revisão sistemática da literatura científica nacional*. Revista Travessias v. 11 Cascavel p.76 - 92.

Zocca, A (2015). A educação sexual e suas entrelinhas nas concepções dos gestores. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, Brasil.

<http://www.aids.gov.br/pagina/dst-no-brasil> acesso em 28/05/2017


<http://www.fde.sp.gov.br/PagePublic/Interna.aspx?codigoMenu=183> acesso em 25/05/2017

<http://www.kaplan.org.br/institucional/sec/vale-sonhar> acesso em 05/06/2017.

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=350190&search=sao-paulo|amparo> acesso em 15/02/2017

<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sinasc/cnv/nvsp.def> acesso em 02/11/2017

Apêndice A

unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

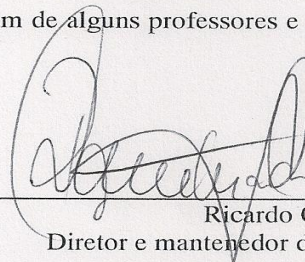
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

AUTORIZAÇÃO

Prezado Senhor Ricardo Caminada:

Sou aluna do mestrado da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP/Araraquara-SP e funcionária do colégio Integrado de Jaguariúna desde Agosto de 2010, exercendo a função de coordenadora pedagógica do ensino fundamental II, professora de ciências biológicas e educação sexual com o Papo Jovem.

Durante o mestrado, com o auxílio do meu orientador – professor Doutor Paulo Rennes Marçal Ribeiro, resolvemos escrever a história da institucionalização do Papo Jovem no colégio, intitulado a dissertação - A HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DO PAPO JOVEM: Um projeto de educação sexual integrado ao currículo de uma escola de ensino fundamental e médio, porém solicito através deste documento autorização para citar o nome do colégio Integrado; o nome e imagem de alguns professores e alunos na dissertação.



Ricardo Caminada
Diretor e mantenedor do colégio

Rita Cássia Pereira Bueno
Mestranda do Programa de Pós-graduação em educação sexual
e.mail: ritabueno@bol.com.br
Orientadora: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Departamento de Psicologia da Educação FCL / UNESP / Araraquara.